

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

Cibele Saraiva Kunz

**EROS, O IMPULSO DA VIDA:
UMA REFLEXÃO SOBRE ARTE E SENSIBILIDADE EM
HERBERT MARCUSE**

Dissertação submetida ao programa de pós-graduação em filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do grau de Mestre em filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Hebeche

Florianópolis, 2011

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da
Universidade Federal de Santa Catarina

K96e Kunz, Cibele Saraiva
Eros o impulso da vida [dissertação] : uma reflexão
sobre arte e sensibilidade em Herbert Marcuse / Cibele
Saraiva Kunz ; orientador, Luiz Alberto Hebeche. -
Florianópolis, SC, 2011.
94 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de
Pós-Graduação em Filosofia.

Inclui referências

1. Filosofia. 2. Arte. 3. Conceitos. 4. Sexo (Psicologia).
5. Sublimação. I. Hebeche, Luiz Alberto. II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação
em Filosofia. III. Título.

CDU 1

Cibele Saraiva Kunz

**EROS, O IMPULSO DA VIDA:
UMA REFLEXÃO SOBRE ARTE E SENSIBILIDADE EM
HERBERT MARCUSE**

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do título de Mestre em filosofia e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, março de 2011.

Prof. Dr. Darlei Dall’Agnol (Coordenador)

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Luiz Hebeche (presidente – UFSC)

Prof. Dra. Imaculada Kangussu (membro- UFOP)

Prof. Dr. Léo Staudt (membro – UFSC)

Prof. Dr. Jair Barbosa (membro – UFSC)

*Esta dissertação foi elaborada
adequada para obtenção do título
de Mestre em Filosofia e aprofundada
em sua forma de trabalho no programa
de Pós-graduação em Filosofia da
Universidade Federal de Santa
Catarina
Flórida, 05 de março de 2011*

Prof. Dr. Darlei Dall’Agnol
Coordenador do Programa de Pós-
Graduação em Filosofia da UFSC

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Luiz Hebeche (presidente – UFSC)

Prof. Dra. Imaculada Kangussu (membro- UFOP)

Prof. Dr. Léo Staudt (membro – UFSC)

Prof. Dr. Jair Barbosa (membro – UFSC)

Agradecimentos

Ao meu orientador Luiz Hebeche por ter me acolhido na filosofia.

Aos meus pais pela orientação com liberdade que sempre me deram.

RESUMO

O presente estudo é uma investigação sobre a teoria estética de Herbert Marcuse. A estética em Marcuse está inerentemente atrelada ao estudo do desenvolvimento sócio-histórico da civilização científica e técnica. Segundo ele há uma administração científica das necessidades pulsionais dos seres humanos para a reprodução do *status quo*, que transforma mercadorias em objetos da libido. Para o autor, a tradição filosófica tratou de separar as faculdades mentais e sensuais dos seres humanos, inferiorizando o que compete aos sentidos em relação ao que compete à razão, criando uma visão bipartida de homem e de mundo. Marcuse busca reunir estas faculdades, que um dia já foram pensadas em conjunto. Desta forma, o autor resgata Eros para pensar uma dimensão estética da existência humana. Cria novos pressupostos para se pensar o retorno à unidade humana e vê na arte um caminho possível para isto se concretizar. Para tanto, vai se apoiar em Freud - pois para ele, Freud percebeu a capacidade dos indivíduos de internalizar e reproduzir inconscientemente a repressão dos impulsos humanos – utilizando conceitos desenvolvidos por ele, tais como princípio de prazer e princípio de realidade para contextualizar sua teoria estética. O filósofo ressalta ainda que o desenvolvimento da tecnologia criou uma racionalidade tecnológica que condiciona ao conformismo e a uma “consciência feliz” gerando uma falsa sensação de bem-estar corroborada pela dessublimação repressiva, característica da sociedade contemporânea, que enfraquece a revolta. O foco de Marcuse está na capacidade da arte de - por estar fundada na fantasia – conciliar sensibilidade e razão e conduzir-nos para outra realidade, ou outro princípio de realidade, onde o mundo seria predominantemente erótico e prevaleceria a liberdade, a beleza e a felicidade.

Palavras Chaves: arte, princípio de prazer, principio de realidade, Eros, sublimação.

ABSTRACT

This study consists of an investigation on Herbert Marcuse's aesthetic theory. In Marcuse, aesthetics is intrinsically related to the study of the socio-historical development of the scientific and technical civilization. According to him, there is a scientific management of human beings' instinctual needs to reproduce the *status quo*, which turns merchandise into objects of the libido. For this author, the philosophical tradition managed to divide man's mental and sensuous faculties, diminishing the features related to the senses as compared to those related to reason, thus creating a split notion of man and the world. Marcuse wants to bring these faculties back together, which were once thought of as a unity. And so the author relies on Eros to think of an aesthetic dimension of the human existence. He establishes new assumptions in order to be able to outline a return to human unity and finds in art a possible way for this to happen. He seeks Freud for support – to him, Freud realized the ability individuals have to internalize and unconsciously reproduce the repression of human impulses – and uses concepts developed by him, such as pleasure principle and reality principle, to contextualize his aesthetic theory. The philosopher further points out that the development of technology has created a technological rationality that conditions men to conformity and a “happy conscious”, thus creating a false sense of well-being confirmed by repressive desublimation, a feature of contemporary society, which weakens rebellions. Marcuse's main idea lies in the ability of art – as a fantasy-based matter – to conciliate sensibility and reason and to lead us to another reality, or another reality principle, in which the world would be essentially erotic and freedom, beauty and happiness would prevail.

Keywords: art, pleasure principle, reality principle, Eros, sublimation.

SUMÁRIO

| | |
|----------------------------------------------------------------------------------|----|
| INTRODUÇÃO..... | 9 |
| I. EROS: O IMPULSO DA VIDA | |
| I.1.Eros, a Beleza e a Filosofia | 19 |
| I.2. Princípio de Prazer e Princípio de Realidade | 27 |
| II. A ARTE REVOLUCIONA A EXPERIÊNCIA | |
| II.1. Breve clarificação sobre Cultura | 39 |
| II.2.Dessublimação e repressão | 43 |
| II. 3. Técnica e racionalidade tecnológica – o comportamento Unidimensional..... | 57 |
| III. A PROMESSA DE FELICIDADE | |
| III.1.Para além do principio de desempenho..... | 66 |
| III.2.O Mundo Erótico: o mundo sensível..... | 77 |
| CONCLUSÃO | 87 |
| REFERÊNCIAS | 91 |

INTRODUÇÃO

*Quêso que a busca da beleza é simesme
uma arte essencial da sensibilidade humana
arcuse*

Herbert Marcuse foi um dos integrantes do Instituto de Pesquisas Sociais, mais conhecido como Escola de Frankfurt. Ele ficou famoso na década de 60 do século passado como o “fil sofo da u entude” por suas teorias revolucionárias, que muito influenciaram as idéias de protesto dos jovens revoltosos de 1968 (embora ele mesmo não concordasse com as formas de revolta tomadas por estes jovens estudantes). Foi um crítico severo da sociedade contemporânea e da sua racionalidade técnica, tendo estudado com afinco a geração e o desenvolvimento sócio-histórico da civilização científico-técnica, juntamente com outros autores da escola de Frankfurt, como Adorno e Horkheimer. No entanto, foi mais militante que eles, na medida em que suas ideias eram mais direcionadas para a ação revolucionária e não somente para o pensamento, não somente um pensamento crítico, mas uma ação crítica na sociedade “Marcuse prefere correr o risco de ser mal entendido a simplesmente não ser entendido” (TERRA, 2008, p. 138). Tinha ideia de uma revolução feita pelos marginalizados por meio da arte com princípios de liberdade e beleza.

A partir de sua base na filosofia kantiana, em particular a obra “Crítica da Faculdade do Juízo”, Marcuse fez uma reflexão sobre estética que buscou superar o antagonismo básico entre sujeito e objeto presente naquela (MARCUSE, 1987a). Esse antagonismo, que mantém a ruptura entre as faculdades mentais e sensuais do homem, traz consequências para a totalidade do sujeito e reflete uma tradição filosófica de raízes imemoriais. A partir disso aponta Marcuse novos pressupostos para pensarmos o retorno à unidade humana, o humano como dimensão que abarca sentido e razão. Ou seja, aponta para uma dimensão estética da existência humana e não apenas uma “função” estética, como a faculdade de julgar, por exemplo, como queria Kant¹,

¹ Sucintamente, para Kant, na Crítica da faculdade de julgar, existem os *juízos de gosto* (estéticos), *juízos sobre o agradável* e os *juízos de conhecimento* (Os juízos de conhecimento

mas uma dimensão que permite a emergência dos sentidos para novas percepções e interpretações do mundo e a emancipação da identidade.

Além de Kant, Marcuse é influenciado pela teoria estética marxista, bem como o foi todo o grupo de Frankfurt, no entanto, não cai no reducionismo ortodoxo marxista que vê a arte somente no contexto das relações sociais. Para o autor, a arte transcende as relações sociais, comportando em si mesma o potencial político; uma transcendência que “rompe com a consciência dominante e então revoluciona a experiência” (MARCUSE, 1999, p. 11).

A arte pode revolucionar de várias formas, mas a mais importante delas, para Marcuse, é quando ela proporciona não só uma mudança no estilo e na técnica do fazer artístico, mas também quando apresenta aos sujeitos a sua ausência de liberdade, rompe com a realidade reificada e mostra a possibilidade de transformação e libertação. Dessa forma, toda arte seria revolucionária, pois subverteria as formas dominantes de percepção do mundo, deixando transparecer a possibilidade de libertação.

Destarte, a arte não precisa ser política como queria a estética marista ortodoxa, pelo contrário, “quanto mais imediatamente política for a obra de arte, mais ela reduz o poder de afastamento e os objetivos radicais e transcendentais de mudança” idem, ibidem, p. 14). Apenas em sua dimensão estética é que a obra de arte pode ser potencialmente política.

Os marxistas ortodoxos ao reduzirem a obra de arte somente ao nível da representação das relações de produção e como ideologia de uma classe (o proletariado), onde a única arte verdadeira é a arte que demonstra a tomada de consciência desta classe em ascensão, renegaram o potencial político de forças não materiais como a consciência individual, a subjetividade, a emoção e a imaginação. Pode-se dizer que a “teoria marista sucumbiu à própria reificação que expôs e combateu na sociedade como um todo” idem, ibidem, p. 17). Ela ignorou o poder

são válidos, pois se baseiam em propriedades do objeto, geram um conceito indiscutível, portanto, com validade geral. Já os juízos sobre o agradável estão baseados apenas numa sensação subjetiva individual do sujeito, portanto não geram conceitos gerais. Os juízos de gosto, por sua vez, não formam conceitos, pois são formados a partir de uma reação pessoal do sujeito diante do objeto, no entanto, exigem validade geral, pois a Beleza é determinada por faculdades como a sensibilidade, que são comuns a todos. Nas palavras de Kant: “Gosto é a faculdade de ajuizamento de um objeto ou de um modo de representação mediante uma complacência ou descomplacência independente de todo interesse. O objeto de uma tal complacência chama-se belo.” (Kant, 1784, p. 55) Assim, o juízo de gosto é um prazer desinteressado, é um sentimento puramente de contemplação e só se pode estudar a consciência que julga a beleza e não o objeto belo.

revolucionário contido na subjetividade, acreditando que esta era uma noção burguesa de mundo, enquanto que, na perspectiva marcusiana seria o contrário: por meio da tomada de consciência, da subjetividade, o indivíduo se liberta das amarras das relações materiais de produção, se afasta das relações da sociedade burguesa e entra numa outra dimensão, a da sua própria subjetividade. Para Marcuse, ainda, a arte pode transcender a sua determinação social e assim lançar ao mundo “ uma outra razão², uma outra sensibilidade, que desafiam a racionalidade e a sensibilidade incorporadas nas instituições dominantes” idem, ibidem p. 19). Nas palavras do autor:

A arte empenha-se na percepção do mundo que aliena os indivíduos da sua existência e atuação funcionais na sociedade – está comprometida numa emancipação da sensibilidade, da imaginação e da razão em todas as esferas da subjetividade e da objetividade (idem, ibidem, p.21).

Desta maneira, podemos dizer que Marcuse possui uma visão sócio-histórica de estética e, portanto, torna-se viável falar em uma transformação estética, que, para ele, era necessária, mas só possível numa sociedade livre. E a arte poderia fazer surgir esta sociedade livre. Essa convicção de Marcuse no potencial revolucionário da arte se deve ao fato de que para ele a arte está relacionada com os impulsos de vida (Eros)³, impulsos esses que nos impelem a criação, ao prazer em

² Marcuse usa a noção de Razão de Hegel – “a faculdade humana ue se manifesta no uso completo feito pelo homem de suas possibilidades” , p ação para Hegel e para Marcuse está intimamente ligada a Liberdade, só que em Hegel ela culmina para além da estética no saber absoluto e em Marcuse este dá lugar àquela.

³ Na língua alemã existem dois termos *Insti* e *Rieb* (impulso). *Rieb* é de raiz germânica e conser a o significado de impulsão *treiben* impelir conceito de “impulso de ida”, Marcuse recupera de Freud. E para Freud, *Insti*, está ligado a uma questão de hereditariedade e qualifica o comportamento animal, o comportamento de uma espécie. O “*ocabuário de Sica*” de *aplanche* e *ontalis*, p aponta ue “A concepção freudiana do *Rieb*, como força impulsionante relativamente indeterminada quanto ao comportamento que induz e quanto ao objeto que fornece a satisfação, difere nitidamente das teorias do instinto, quer sob a sua forma clássica, quer na renovação que lhe introduziram as teorias contemporâneas (noção de *atter* de comportamentos, de mecanismos inatos de desencadeamento, de estímulos-sinais específicos, etc.). O termo instinto tem implicações nitidamente definidas, muito afastadas da noção freudiana de pulsão” Assim, Freud usa o termo alemão *Rieb* ao invés de *Insti*, para tratar dos impulsos de vida e de morte. Mas na tradução para outras línguas diversos autores não fazem distinção entre impulso e instinto, usando os dois termos indiferentemente, inclusive na tradução de Freud para o português (na

oposição ao princípio de realidade. Estes termos, criados por Freud, foram apropriados por Marcuse em suas obras, principalmente em *Os dois princípios da vida e a repressão* onde ele faz uso das teorias de Marx e Freud na tentativa de definir as bases para uma transformação cultural da civilização industrial e, conseqüentemente, redefinir o papel da arte nesta sociedade.

Segundo Freud, o princípio de realidade é a base para a repressão que motivará os seres humanos a construírem civilizações. Para Freud, seguindo uma corrente hobbesiana, o mundo natural é ingrato, portanto os homens precisam ganhar controle sobre ele para não morrerem. Neste caso, a felicidade não entra, pois, na obrigação de adaptar-se à realidade, ou melhor, para não mais ficarem à mercê do que a natureza pode lhes dar, faz-se necessária a coerção dos impulsos humanos, entre eles, os impulsos de vida. O nosso princípio de prazer, nosso impulso de vida é sublimado pelo princípio de realidade.

Embora para Freud o princípio de prazer esteja diretamente ligado ao desejo sexual, para Marcuse, o princípio de prazer não está se referindo à libido, à que as coisas se tornem objetos do desejo sexual. Ao contrário, o impulso de vida não pode ser confundido com o impulso genital, pelo menos não somente. Ele está diretamente relacionado com a nossa busca por felicidade e nossa sensibilidade. Entrei mais detalhadamente nesta questão ao longo desta dissertação.

O Princípio de realidade se materializou numa série de instituições, que Freud fundamentou como o impulso repressivo da civilização e que, para Marcuse, assume o caráter de reificação do sujeito, que gera o sujeito alienado nas malhas da racionalidade. Vivemos numa sociedade de consumo, baseada inteiramente no crescimento tecnológico/industrial da civilização e na conquista e domínio da “natureza” que se foi possível por meio da subjugação dos impulsos humanos e uma cada vez maior ausência de liberdade. Segundo Freud, esta é a condição necessária para a civilização, a oposição entre o princípio de realidade e o princípio de prazer, ou seja, a satisfação dos impulsos (prazer) é coagida e adiada para dar lugar ao

coleção Standard da Imago) é usado instinto. Marcuse, em alemão também usa a palavra *Trieb* embora, nas suas obras em inglês ele usa *instinct* e, às vezes, “instinctual impulse”, dando a entender que são termos diferentes e que ele os usa de forma distinta. Como não saberia dizer a qual língua ser mais fiel, se o alemão (visto que o autor é alemão) ou se ao inglês, visto que Eros e civilização (livro que mais aborda essa questão) foi escrito originalmente em inglês, e, na tentativa de ser mais fiel ao significado do termo, tanto para Freud, quanto para Marcuse, optei por usar a palavra impulso somente (e em raras ocasiões pulsão) ao longo deste trabalho. Além de que, uma abordagem mais detida nesta questão, não seria possível, visto o tempo que se tem para concluir uma dissertação.

“progresso” consistiria assim, uma incapacidade do homem de ser feliz, pois justamente o mundo, por ele mesmo construído, bloqueia a realização dos seus desejos (MARCUSE, 8ªed. s/d).

Marcuse, em contrapartida, sugere um caráter histórico-social para este “princípio de realidade” que, assim procedendo, torna possível eliminar o motivo da repressão. O nosso princípio de prazer, nosso impulso de vida (Eros) é sublimado pelo “princípio da realidade”, no entanto, para Marcuse, é um princípio superável e a arte tem um papel importante nesta superação. Por meio da arte podemos satisfazer nosso princípio de prazer, já que ela está fundada na fantasia que, por sua vez, está fundada na região da consciência que não foi atingida pelo princípio da realidade e, portanto, está livre da repressão que esse exerce sobre a humanidade. Entende-se assim, que a arte guarda em sua essência a possibilidade de felicidade para os seres humanos, todavia, essa essência se encontra bloqueada pelo desenvolvimento histórico da repressão.

Marcuse (s/d, p. 22) adverte, ainda, que “a energia erótica dos impulsos de vida não pode ser libertada sob as condições desumanizantes da afluência lucrativa” e, portanto, segundo o autor, a possibilidade de felicidade existe, mas somente quando atingirmos a situação social correta.

nesse sentido, Marcuse faz um ensaio em “**Versuch über die Befreiung**”⁴ (1969) clamando por novas categorias morais, políticas e estéticas para a análise crítica da sociedade. Partindo de uma crítica à sociedade “obscena”, por permitir produzir para o consumo, enquanto produz, da mesma forma, a fome dos que não entram nesse consumo, aponta para a necessidade de mudança radical da consciência para se iniciar a transformação da existência social. Para tanto, entre outros fundamentos, vai propor, também, uma nova sensibilidade, como força política “uma nova sensibilidade que pressiona a libertação dos impulsos de vida sobre a agressividade e a culpa; que seja medida social que fomente a necessidade vital de abolição da desigualdade e da miséria e que propicie o desenvolvimento da existência” (MARCUSE, 1969, p. 43). Nisso, uma consciência livre faria a ciência e a técnica trabalharem para a satisfação da vida humana.

Esta nova sensibilidade poderia ser revelada por meio da arte, visto que ela como manifestação estética que é, está inserida no contexto das relações sociais, porém é capaz de transgredir-las, ao contrário do

⁴ “Ensaio sobre a libertação”, sem tradução para o português

que pensavam e ainda pensam muitos marxistas ortodoxos. Para Marcuse, o potencial revolucionário da arte independe da classe social do artista ou da “presença ou ausência da classe oprimida nas suas obras” (MARCUSE, 1999, P. 28). A obra como um todo é que define os critérios do potencial revolucionário, ou seja, é na dimensão estética da obra de arte que reside a sua revolução e não na sua forma política. Nas palavras do autor:

Atribuir as qualidades críticas, autônomas da arte à forma estética é colocá-las fora da literatura de tendência, fora do domínio da práxis e da produção. A arte tem a sua própria linguagem e ilumina a realidade através desta outra linguagem. Além disso, a arte tem sua própria dimensão de afirmação e negação, uma dimensão que não se pode ordenar relativamente ao processo social de produção (idem, ibidem, p. 31).

A arte é sempre arte de uma consciência coletiva e não de uma classe e o que ela representa sempre uma “necessidade universal de libertação”, assim, a arte pode revelar a necessidade de mudança desde que ela corresponda a sua própria lei e não a da realidade “ a arte não pode mudar o mundo, mas pode contribuir para a mudança da consciência e impulsos dos homens e mulheres, que poderiam mudar o mundo” (MARCUSE, 1999, 39). Marcuse acreditava no potencial revolucionário da arte, mas não como arte engajada. A arte deve ser autônoma e é na sua autonomia que está o seu poder de mudança da sociedade. É na arte que encontramos a sublimação estética que “liberta e valida (...) os sonhos de felicidade e tristeza da infância e da idade adulta” (idem, ibidem, p.48), na medida em que permite modificar as normas do princípio de realidade e assim poder experimentar o mundo desmistificado. Diz ele,

A intensificação da percepção pode ir ao ponto de distorcer as coisas de modo que o indizível é dito, o invisível se torna visível e o insuportável explode. Assim, a transformação estética transforma-se em denúncia – mas também em celebração do que resiste à injustiça e ao terror, e do que ainda se pode salvar (idem, ibidem, p.49).

Portanto, para Marcuse o mundo da arte está atrelado à realidade, embora o mundo de uma obra de arte seja fictício, ele não é desligado da realidade concreta, das ações, sentimentos e sonhos de homens e mulheres reais. No entanto, por estar fundado na fantasia é mais verdadeiro, pois, na ilusão criada pela arte, a “mistificação”, a reificação do dia-a-dia deixa-se transparecer; é na ilusão proporcionada pela arte que a verdade aparece, pois a realidade concreta é que é, por assim dizer, falsa.

A verdade está no mundo da arte, porque o mundo regido pelo princípio de realidade é o mundo da infelicidade, é o mundo da repressão aos impulsos de vida, onde a “*promesse de bonheur*”, a visão de uma nova sociedade parece ter sido erradicada sistematicamente da utopia que era para os frankfurtianos cada vez mais uma “cultura afirmativa” Segundo Marcuse (2006 p. 95-96):

Cultura afirmativa é aquela cultura pertencente à época burguesa que no curso de seu próprio desenvolvimento levaria a distinguir e elevar o mundo espiritual – anímico, nos termos de uma esfera de valores autônoma, em relação à civilização. Seu traço decisivo é a afirmação de um mundo mais valioso, universalmente obrigatório, incondicionalmente confirmado, eternamente melhor, que é essencialmente diferente do mundo de fato da luta diária pela existência, mas que qualquer indivíduo pode realizar para si a partir do interior, sem transformar aquela realidade de fato. Somente nessa cultura as atividades e os objetos culturais adquirem sua solenidade elevada tanto acima do cotidiano: sua recepção se converte em ato de celebração e exaltação.

Essa cultura, característica da época burguesa, reafirma e oculta as novas condições sociais de vida. Entrarei mais detalhadamente nesta questão no capítulo II. Todavia, nos fala Marcuse, por meio da arte é possível se libertar deste mundo de “cultura afirmativa” e, nesse sentido, ele é muito mais otimista do que seus colegas de escola, como Adorno, por exemplo, que acreditava que depois de Auschwitz a humanidade tinha chegado ao máximo da barbárie humana, não restando mais transformações ou criações. E sobre isso Marcuse fala:

A arte não pode representar este sofrimento sem o sujeitar à forma estética e assim à catarse mitigadora, à fruição. A arte está inexoravelmente infestada com esta culpa. No entanto, isto não liberta a arte da necessidade de evocar repetidamente o que pode sobreviver mesmo em Auschwitz e que talvez um dia se torne impossível. Se mesmo esta memória houvesse de ser silenciada, então o «fim da arte » teria realmente chegado. A autêntica arte preserva esta recordação apesar de e contra Auschwitz; esta recordação é o solo onde a arte tem desde sempre a sua origem: na necessidade de a imaginação deixar aparecer o outro (possível) nesta realidade (MARCUSE, 1999, p. 58).

E por de mais “aparecer o outro possível” ue a arte, para Marcuse ainda pode ser um instrumento de revolução social. E a beleza - que tanto a estética marxista quis condenar, pois para esta, a beleza é uma noção de estética burguesa inconciliável com a arte revolucionária - para o filósofo, é necessária e buscada pelos seres humanos. Nisso, a “ verdadeira obra de arte” ainda criada. O autor recoloca a arte e a beleza no seu lugar de nascimento, que é nos domínios de Eros, o Belo como princípio de prazer. É da beleza que surge da arte, que surge também a possibilidade do “outro possível”, porque “na obra de arte, o Belo fala a linguagem libertadora, invoca as imagens libertadoras da sujeição da morte e da destruição, invoca a vontade de viver. Este é o elemento emancipatório na afirmação estética”. (idem, *ibidem*, p. 66)

Por isso, dedico o primeiro capítulo deste trabalho, “ ros, o impulso da vida”, a retomar, de forma sucinta, alguns autores que se dedicaram a falar sobre Eros e sobre a Beleza, antes destes terem sido reduzidos à teoria do belo e da arte como uma cadeira acadêmica e, também, daqueles que, depois desta ruptura de interpretação da beleza se dedicaram a estudá-la. Assim, faço uma retomada do mito de Eros e suas interpretações por alguns filósofos, como Hesíodo e Platão; encontro Kant, que deixa Eros para falar dos juízos estéticos, sai do mito para entrar na faculdade da mente; passo por Schiller, muito influenciado por Kant, chego a Hegel, que depois de Kant é outro grande responsável por uma mudança no estudo da beleza; para finalizar com Freud que resgata Eros do limbo e lhe dá uma nova roupagem, vestido de princípio de prazer. Dedico-me então a esclarecer este termo e seu contraponto, o princípio de realidade e mostrar a leitura que

Marcuse faz destes conceitos, que serão depois muito usados por ele em suas obras.

No segundo capítulo, “ arte re oluciona a e periência”, faz-se necessário uma breve explicação do conceito de cultura, que utiliza Marcuse, visto que, este conceito permeia a discussão sobre estética em grande parte de suas obras, principalmente nas utilizadas nesta dissertação. Em seguida, passo a mostrar, a partir da leitura que Marcuse faz de Freud, como o intelecto tomou o espaço da sensação no desenvolvimento da civilização; como a necessidade de sublimação e repressão dos impulsos foi imposta e corroborada com o desenvolvimento da ciência e da técnica para o desenvolvimento da civilização, sendo o impulso lúdico, o único impulso que permaneceu livre das amarras do princípio de realidade e, desta forma, sendo a arte um meio para se alcançar a libertação.

No terceiro e último capítulo, “ promessa de felicidade”, discorro como a arte pode ser esse caminho para a libertação, ao mesmo tempo em que exponho as formas que o sistema estabelecido arranja para minimizar, e até mesmo liquidar com esta capacidade da arte, dando um car ter “positivo” a ela, como foi debatido pelo autor. Finalmente, retorno à Eros para debater a necessidade de uma nova sensibilidade, capaz de mudar a realidade, como proposto por Marcuse. Ele vislumbra essa nova realidade na arte, pois a arte guarda a promessa de felicidade e de que, por meio dela, pode-se vislumbrar um outro mundo onde homens e mulheres deixam de se submeter à lei do princípio de realidade capitalista. A arte, quando autônoma do princípio de realidade (e para Marcuse só essa é a verdadeira arte), revela a ausência de liberdade da sociedade em que vivemos e revela a nós as possibilidades de sua transformação, e até de negação.

Nesta introdução, fiz um pequeno resumo do que irei trabalhar mais detalhadamente ao longo desta dissertação. Saliento que falar sobre a estética de Marcuse não é uma tarefa fácil, visto que seus escritos sobre o assunto estão espalhados por toda a sua obra. Todavia, é inspirador e para essa pesquisa de mestrado baseio minha investigação principalmente em três obras do autor que são; *Eros e civilização*, escrita em 1955; *Ideologia da sociedade industrial* de 1964; e *Dimensão estética* de 1977. Menos detidamente trabalhei *Arte e revolução* de 1941, além de alguns ensaios do autor e alguns comentadores das suas obras. *Eros e civilização* e *Ideologia da sociedade industrial* não poderiam deixar de ser analisados em conjunto, visto que o próprio Marcuse deixa claro, já em seu prefácio de

Eros e civilização, que a tese desenvolvida ali é finalizada em *“e-
-ime-sio-a-a”* que foi traduzido para o português como *“ideo-ló-gia
da -ociedade -dustria”*

Destarte, para começar a falar da estética de Marcuse, não há como não falar de Eros, pois é a partir desse conceito que o autor pensa a estética, é nele que a arte começa. Então é por ele que irei começar.

I. EROS: O IMPULSO DA VIDA

as hãa ida ue é ara ser itesame te ida
ho amoro amor ue tem ue ser ido até
a ãima ota em e hum medo ão mata
Cãrice isector

I.1. EROS, A BELEZA E A FILOSOFIA

Eros, o amor, segundo a mitologia de Platão é filho de Pênia, a pobreza, e Poros, o recurso (Deus da riqueza), e é gerado no dia do nascimento de Afrodite (Vênus), a bela Deusa do amor. Aproveitando que Poros estava embriagado nas comemorações do nascimento de Afrodite, Pênia deita-se com ele e desta união nasce Eros, por isso, diz a mitologia, que Eros será sempre companheiro e servo da Beleza. E para sempre também será duplo; porque da mãe herda a permanente carência e o destino de andarilho e do pai herda a bravura e a busca pelo belo e pelo bom. E destas duas heranças reunidas surge sua sina *sui eëris*, nem mortal, nem imortal, ora cresce e vive, ora morre e de novo renasce, transitando eternamente entre viver, morrer e ressuscitar. Perenemente marcado pela carência transmitida por Pênia, Eros não é sábio, no entanto busca conhecer, ama a Sabedoria e a filosofia.

O poeta grego Hesíodo, em sua obra *eoã*, é quem primeiramente vai dar importância a Eros dentro do panteão dos deuses gregos. Para Hesíodo primeiro existiu o Caos e em seguida a Terra e depois Eros, o amor e criador de toda a vida. Eros é a força universal de atração, é o que justifica porque os seres se unem e geram descendência. Eros é de fato o mediador, que conecta todos os mortais e imortais, é assim que aparecerá muitas vezes nas obras de antigos filósofos. Por exemplo, no seu poema *obre a atureã*, claramente inspirado na Teogonia de Hesíodo, Pãrmenides de Eléia mostra os dois caminhos que se oferecem aos mortais: o da verdade, alcançado pelo caminho da razão, e o da crença, fundada nos sentidos. E para descrever este segundo caminho o filósofo exemplifica com uma versão da origem do universo, que seriam constituídos por dois princípios contrários, Dia e

Noite, e todas as coisas seriam compostas pela junção destes dois princípios em equilíbrio e Eros é o intermediário desta junção, é o autor dela, ou seja é ele que dá fundamento ao universo sensível.

Outro filósofo, Empédocles de Agrigento, dizia que o universo era formado e transformado por meio do jogo permanente de duas forças opostas e complementares que atuavam sobre os quatro elementos primordiais; a água, o ar, a terra e o fogo. *Philia* (Eros, o amor), ficava encarregado de aproximar os diferentes elementos primordiais e *Neikos* (o ódio) ficava encarregado de aproximar os semelhantes (a água da água, o fogo do fogo, etc) e afastar os diferentes. Como se em todas as coisas houvesse um elemento que as incitasse à união e outro que as incitasse a separação. Assim, a ação de uma força era compensada pela ação da outra e o universo ficava em equilíbrio, “esses dois impulsos estão numa luta que produz todo devir e toda destruição (KANGUSSU, 2008, p. 87).

Mas foi Platão quem mais escreveu sobre o amor. Em sua obra *□ □a □ uete*⁵ ele faz uma reflexão sobre Eros por meio dos relatos de sete convidados de um jantar, onde cada um faz um discurso sobre o amor e onde se percebe que por meio de relatos embriagados, desordenados ou loucos dos participantes do jantar, que parecem a toda hora estragar os discursos, se desvela uma situação que é essencial a Eros, ou seja, para se falar sobre o amor não é possível fazê-lo de forma racional, ou pelo menos não somente⁶.

Em *□ □a □ uete*, Platão mostra outra forma de se ascender ao plano das idéias sem ser pelo trabalho racional, matemático (esta seria uma via), ue seria por meio da “ascese er tica”, ou dito de outra forma, “ pela ascese dial tica em direção id ia do belo que seremos conduzidos ao amor platônico [...], somente o amor é capaz de nos ajudar a alcançar, pela ultrapassagem de nós mesmos, tudo o que existe de eterno e de di ino” H M , , . A preocupação de

⁵ De fato, seria mais fiel ao termo original grego se traduzíssemos por “imp sio”, ue a pala ra ban uete deri ada do francês “ban uet” ue designa pe uenos bancos dispostos ao redor das mesas de refeição, uma peça que não era comum na época platônica, além do que, a refeição não era a principal atração dos encontros organizados naquela época, ela era apenas introdutória aos debates, discussões filosóficas regadas a muito vinho. Por isso a palavra simpósio, parece mais adequada, pois guarda melhor o significado de “encontro”, “col uio”, que era, de fato, a intenção daqueles jantares.

⁶ Sobre isso, diz angussu “[...] A tentativa de levar Eros ao logos é sempre interrompida por alguma fragilidade humana, e, mais ainda, que a própria falta está de alguma forma inserida na natureza do amor e, por isso, sempre se encontra incluída nos □ □bi que buscam dar sua medida” (KANGUSSU, 2007, p. 26).

Platão, em grande parte de suas obras, era retificar a sua teoria das idéias, onde o mundo sensível, corpóreo, seria uma cópia deformada do mundo das idéias ou formas, estas sim perfeitas e perenes, e onde a Verdade, a Beleza e o Bem são essências superiores. Conduzida por Eros, a alma chega à ascese erótica, em que a contemplação da beleza física leva à contemplação de toda beleza. Como bem se lê em “*baquete*”, quando Sócrates profere seu discurso narrando o que a sacerdotisa Diotima lhe havia dito sobre o amor, assim segue:

Realmente, o verdadeiro método de se iniciar, ou ser por outrem iniciado, no amor, consiste em amar primeiro as belezas corporais para depois alçar-se à beleza suprema, transpondo todos os degraus da ascensão. Passa-se de um só belo corpo para dois; de dois para todos os outros; dos belos corpos às belas atividades; destas às belas ciências; até que se chegue à ciência que outra não é senão a própria ciência do belo, pela qual se conhece, enfim, a beleza tal como é em si. Sim, caro Sócrates, se para o homem a vida vale a pena ser vivida, é do momento em que ele contempla a absoluta beleza (PLATÃO, 1957, p. 74).

O amor fornece o meio para se compreender a beleza ideal. Desta forma, numa interpretação da teoria de Platão, pode-se dizer que Poros representa o mundo das idéias e Pênia a condição humana.

Além de *baquete* outra obra na qual Platão irá se debruçar sobre o tema do amor é *Fedro*. Esta narra o diálogo de Sócrates com Fedro sobre o amor, em que “o amor seria a ligação do belo e citada pela paixão por meio da reminiscência das coisas eternas” (TANNERY. In: Platão, Fedro, p. 37). Em Fedro, o tema central é de que a alma ama a beleza, pois seu lugar de nascimento é no mundo das idéias, das essências, onde a beleza está; ao unir-se ao corpo material perde este contato, no entanto, fica a lembrança (a reminiscência) das formas contempladas no mundo das essências antes de unir-se ao corpo.

Falar de Eros é sempre também falar de beleza, se a beleza é uma essência primordial tão “distante” ainda de nós, pois a ligação, o mediador em nossa eterna busca pela beleza, é somente por meio dele que podemos vislumbrá-la, pois Eros é aquele ser nem mortal, nem imortal, que nos incita ao amor corpóreo, para por meio dele, vislumbrar

a beleza; é somente no amor que podemos vislumbrá-la e somente Eros pode fazer a ponte entre estes dois “mundos”⁷.

Depois de Platão, quem irá deixar uma grande contribuição para o estudo da Beleza será Kant⁸. Com sua obra *Crítica da Faculdade do Juízo* o autor irá marcar novos pressupostos para o estudo da beleza. Deixará de lado a figura de Eros para falar, então, sobre os juízos estéticos. Para Kant, o sentimento estético está vinculado à uma faculdade da mente intermediária entre a razão prática e a razão teórica, ou numa interpretação, entre vontade (razão prática) e conhecimento (razão teórica), chamado de faculdade do juízo. Um julgamento estético pressupõe que o objeto é julgado não por sua utilidade ou finalidade - pelo contrário, ele é livre de tais propriedades – mas pela beleza. Na dimensão estética é que se ligam Natureza e Liberdade, Prazer e Moralidade. É onde sentidos e intelecto se encontram e onde a mediação destas faculdades se dá pela imaginação (MARCUSE, 8ªed. s/d)⁹.

Há um dualismo na filosofia de Kant, entre o mundo fenomênico e o numenal que precisa ser mediado por uma terceira faculdade “capaz de realizar o trânsito entre o reino da natureza e o reino da liberdade e de estabelecer a ligação entre a faculdade de desejar e a de conhecer” (KANGUSSU, 2008, p. 154), esta é a faculdade de juízo estética.

Para Kant a sensação da beleza é um juízo de gosto, é universal e sem conceito, ligada à sensação de prazer ou desprazer que os sujeitos sentem diante de um objeto. Esta sensação será universal porque para Kant é decorrente do jogo de faculdades comuns a todos os sujeitos. Ao dizer que o sentimento estético não pode ser racionalizado, porque não é resultado de juízos determinantes e, portanto, não gera conhecimento, mas que, ao mesmo tempo, espera-se que diante de um objeto belo, surja

⁷ Como diz Huisman (1994, p. 22), em referência à Platão: “A procura do Belo é um desejo de eternidade, uma espécie de ânsia de purificação; traz ao homem amor e alegria. Sem ela, o homem ficaria infalivelmente condenado a arrastar-se no mundo da realidade sensível. Graças ao Belo-em-si, simples, puro, sem mistura, e não maculado pelas carnes humanas, pelas cores e por toda sorte de futilidades mortais, o homem alcançará o absoluto: a sua alma elevar-se-á para além do próprio ser até à harmonia total, até à unidade fundamental”.

⁸ Aristóteles antes de Kant também se pronunciou sobre a beleza, assim como outros filósofos, no entanto, não é meu objetivo discorrer sobre todos os autores clássicos que trabalharam esta questão, mas sim sintetizar os que maior influência tiveram sobre a obra de Herbert Marcuse.

⁹ Como diz Huisman (1994, p. 22), para Kant “o sentimento estético reside na harmonia do entendimento e da imaginação, graças ao jogo livre desta última. Mais: o gênio, esse *Geist* criador das ideias artísticas sem o qual não haveria qualquer obra de arte, está todo contido na dosagem precisa de entendimento e imaginação”

o mesmo sentimento de satisfação em todos os sujeitos, Kant buscou estabelecer parâmetros para o estudo do belo e da arte¹⁰.

A teoria kantiana provocou grande impacto no pensamento intelectual da época (e ainda causa) e depois, e a partir dele, muitos outros filósofos criaram outras teorias para se pensar a beleza e a arte. Um deles foi Schiller, que também foi referência para Marcuse. Nas *“Cartas sobre a educação estética do homem”*, Schiller considera que a arte e a beleza fazem parte do mundo da aparência, mas isso não quer dizer que seja inferior ao mundo real, pois a arte e a beleza não pretendem ser nada a não ser isso. Para ele o jogo das formas sensíveis e racionais, que se forma por meio da arte, é o grande feito dela e, por isso, ela pode ser instrumento de educação. Em Schiller, o racional e o sensível são opostos, porém complementares; a liberdade só se encontra na concomitância destes dois impulsos, os quais o ser humano precisa satisfazer conjuntamente, configurando a sua própria totalidade, pois, satisfazendo-os em separado, nunca se encontra inteiro; somente percebendo-se como matéria e conhecendo-se como espírito, pode o homem se encontrar pleno.

A civilização impôs aos sujeitos separar e sobrepor a razão à sensibilidade, reprimindo o que é da ordem do sensível, suprimindo dese os, tornando “su o” o ue est ligado sensação. Todavia, Schiller sugere um terceiro impulso, que une razão e sensibilidade e, assim, “livra” os sentidos do constrangimento moral que a civilização lhes impôs. Este novo impulso é formado da união de sentido e razão ou, dito de outra forma, do jogo entre o impulso sensível e o racional, que é o impulso lúdico. O impulso lúdico pode conciliar as sensações e os desejos com a racionalidade sem constrangimento moral. É pelo impulso lúdico, também, que a beleza deixa-se mostrar, pois ela é matéria (sensível) e é forma (razão). E é por meio do impulso lúdico que a humanidade pode libertar-se do estado da necessidade, da materialidade. Com isso, a função estética exerceria papel fundamental para a transformação da civilização. Pois, a dicotomia entre sensualidade e razão, onde a primeira foi submetida à segunda, que

¹⁰ Embora haja algumas contradições em sua obra que não deixam claro porque um objeto pode tocar-nos como belo e outro não Huisman , p nos lembra ue “Há antinomias que, mesmo após leitura e releitura da obra, permanecem como que irredutíveis. Mas, uma obra destas é ainda mais importante pelo problema que levanta do que pelas soluções que traz. Abre mais perspectivas do que as teses rígidas que propõe. Em si mesma não é mais do que uma seqüência de *Problemas* para toda uma estética futura.

caracteriza a civilização, deve ser superada pelo impulso lúdico para a libertação da humanidade. Como diz Marcuse:

A tentativa de Schiller de eliminar a sublimação da função estética inicia-se a partir da posição de Kant: só porque a imaginação é uma faculdade central da mente, só porque a beleza é uma condição necessária da humanidade',¹¹ a função estética pode desempenhar um papel decisivo na reformulação da civilização (MARCUSE, s/d, p. 165).

Finalmente, há Hegel que trata a beleza como aparição sensível da ideia, já que, para ele, a beleza é exteriorização da verdade, ou seja, a ideia em si mesma é a verdade, que se manifesta no sensível e no concreto como beleza. Hegel diverge de Kant que pensa a Beleza como um “universal sem conceito”, nas palavras de Hegel:

(...) numerosos são aqueles que pensam que o belo em geral, precisamente por ser o belo, não se deixa encerrar em conceitos e constitui, por esse motivo, um objeto que o pensamento é incapaz de apreender. Responderemos a esta maneira de ver dizendo que, embora toda a verdade seja, ainda hoje, considerada como inconcebível e só, portanto, as temporais finitude e ocasionalidade do fenômeno se ofereçam à conceitualização, pensamos, pelo contrário, que só a verdade é concebível, pois só ela se funda no *conceito* absoluto e, mais exatamente, na ideia. Ora, sendo a beleza um certo modo de exteriorização e representação da verdade, por todas as suas faces se oferece ela ao pensamento conceitual quando este possua verdadeiramente o poder de formar conceitos (HEGEL, 1996, p. 119).

Os homens para Hegel buscam o absoluto - pois é no absoluto que o espírito toma consciência da ideia absoluta existente no real - mas vivem divididos entre a liberdade e a necessidade, entre o espírito e as paixões, todavia a Beleza ajuda a superar esta divisão e ir em direção ao

¹¹ Não há referência de página na obra de Marcuse sobre esta citação de Schiller, mas ela se encontra na tradução de Roberto Schwarz e Márcio Suzuki de *Educação estética do homem* (1990), carta X, p.60.

absoluto. Pois, para o filósofo, o espírito absoluto é o grau mais elevado da vida espiritual, “o espírito absoluto o espírito universal e não em quanto particular e finito” idem, ibidem, p. 120). É enquanto espírito absoluto, que o espírito toma consciência da idealidade do real, ou dito de outra forma, toma consciência da “imanência da ideia ou da razão absoluta em todas as coisas” Hegel, 1807, p. 120.

Percebe-se, grande diferença na teoria Hegeliana em relação à teoria Kantiana. Para Kant, nunca conseguiremos apreender a realidade como ela é, pois será sempre mediada por um conjunto de categorias mentais que organiza esta realidade, de modo que esta nunca nos chega em estado bruto, as coisas em si nunca chegaremos a conhecer. Hegel, no entanto, acredita que se é real pode ser cognoscível, pois, se as coisas em si não o são, como queria Kant, como saber que elas existem?

Penso serem estes os autores que maior influência tiveram sobre as ideias de Marcuse, em relação à Estética, além de Freud, que será responsável, já na contemporaneidade por resgatar a noção de Eros, embora já com outra conotação que não a de beleza, mas como pulsão sexual. Todavia não me alongarei neste tema aqui, pois é tema do capítulo seguinte. Somente, faz-se necessário enfatizar que recorri bastante a Freud nesta dissertação, pois a sua obra teve grande impacto no pensamento de Marcuse, principalmente as obras *“O que é o Superego de Freud”, “O futuro de uma Ilusão” e “O mal-estar da Civilização”*, tanto é que este se dedicou a escrever um livro (*“Eros e Civilização”*) inteiro baseado na teoria freudiana. Destarte, faço uso nesta dissertação destes ensaios de Freud e de outros que julguei serem também relevantes. Ainda há Marx, que influenciou todo o pensamento de Marcuse e que também será abordado ao longo desta dissertação.

Entre os seus contemporâneos da escola de Frankfurt, praticamente todos se debruçaram sobre a questão da estética e da arte, mas Marcuse foi o único que acreditou numa revolução feita por meio da arte e o único que resgatou - mesmo tendo feito isso por meio de Freud – a noção inicial de Beleza, como intimamente ligada a Eros.

Para Marcuse, Freud trata de definir o ser como Eros e não como *“obediência”*, como na definição tradicional da filosofia. Em Freud “ser é, essencialmente lutar pelo prazer” Marcuse, 1977, s.d, p. 118). Já a ideia de ser como razão, que se estabeleceu na filosofia principalmente a partir de Aristóteles, destaca-se por uma lógica de dominação. Nas palavras do autor:

¹² Obras tardias de Freud em que ele se distanciou de seus estudos clínicos para se dedicar a pensar as relações entre indivíduos e a sociedade.

Sejam quais forem as implicações da concepção grega original de $\epsilon\lambda\theta\iota\varsigma$ como a essência de ser, desde a canonização da lógica aristotélica o termo fundiu-se com a ideia de uma razão ordenadora, classificadora, dominadora. E essa idéia de razão tornou-se cada vez mais antagônica daquelas faculdades e atitudes que são mais receptivas do que produtivas, que tendem mais para a gratificação do que para a transcendência – as quais se conservam fortemente vinculadas ao princípio de prazer. Estas surgem como o irrazoável e irracional que deve ser conquistado e contido a fim de servir ao progresso da razão. A razão tem por finalidade garantir, através de uma transformação e exploração cada vez mais efetiva da natureza, a realização das potencialidades humanas. Mas, no processo, a finalidade parece recuar diante dos meios: o tempo dedicado ao trabalho alienado absorve o tempo para as necessidades individuais – e define as próprias necessidades. O logos destaca-se como a lógica de dominação. Assim, quando a lógica reduz as unidades de pensamento a sinais e símbolos, as leis do pensamento convertem-se, finalmente, em técnicas de cálculo e manipulação (MARCUSE, s/d. 108).

Logo, tendo a razão se desenvolvido como lógica de dominação, o progresso se deu pela alienação e desta maneira a liberdade foi suspensa. Pensar o ser somente como razão é raciocinar conforme o princípio de realidade repressivo, responsável pela coação dos impulsos e pela supressão do princípio de prazer, pois a sensualidade - no mundo dominado somente pelo princípio de realidade repressivo – é nociva a razão, já que a sensualidade desvirtua os sujeitos do mundo do trabalho, portanto ela tem que ser suprimida. Marcuse considera que, resgatar a noção de ser como Eros é resgatar nosso impulso de vida do limbo, por assim dizer, que o mundo capitalista o condenou. Resgatar nossos impulsos sensuais; resgatar o ser como Eros, para o autor, é a chave para encontrarmos a felicidade, se é que ela é ainda possível. A seguir, veremos com detalhes o que seriam estes impulsos e princípios que, para o autor, regem a vida humana.

I.2. PRINCÍPIO DE PRAZER E PRINCÍPIO DE REALIDADE

Para se entender melhor o pensamento de Marcuse é preciso deixar claro os conceitos de *princípio de prazer* e *princípio de realidade* utilizados por ele, principalmente na sua obra *ros e Civilização*, mas recorrentes em quase todas as suas outras obras posteriores, especialmente nas que eu utilizo para esta dissertação. Estes dois conceitos são extraídos das obras psicanalíticas de Freud. Na leitura de Freud, Marcuse reconhece que aquele percebeu a capacidade dos indivíduos de internalizar e reproduzir inconscientemente a repressão imposta pela sociedade, algo que, segundo ele, nem Marx e Engels puderam notar. Desta forma, para Marcuse, o capitalismo se reproduz pela internalização de suas necessidades pelos sujeitos, que reproduzem assim a sociedade que os aflige.

Em sua obra, *ros e civilização*, Marcuse utiliza a tese de Freud segundo a qual a civilização domestica os impulsos humanos. Freud se questionou se os benefícios disso teriam compensado o sofrimento humano, Marcuse também irá questionar. Para Freud, na obra *uturo de uma iusão*, ele afirma que a vida comunitária só é possível mediante muitos sacrifícios dos sujeitos, pois;

Parece (...) que toda civilização tem de se erigir sobre a coerção e a renúncia ao impulso¹³. (...) Acho que se tem de levar em conta o fato de estarem presentes em todos os homens tendências destrutivas e, portanto, anti-sociais e anticulturais, e que, num grande número de pessoas, essas tendências são suficientemente fortes para determinar o comportamento delas na sociedade humana (FREUD. 2006, p. 17).¹⁴

¹³ Na tradução da coleção Standard da obra de Freud, utilizada para esta dissertação, a palavra usada foi instinto, porém, como optei por fazer uso somente da palavra impulso neste trabalho, mudarei para impulso também nas citações quando forem necessárias e registrarei em nota a mudança. O mesmo ocorrerá nas outras obras do autor e nas obras de Marcuse por mim utilizadas.

¹⁴ Pode-se perceber uma tradição hobbesiana no pensamento de Freud, visto que Hobbes já havia declarado que os homens renunciam a liberdade natural para viverem em sociedade.

Para Freud, desde o começo da vida humana, existem dois impulsos básicos que regem os homens, que são: o impulso de preservação da vida, ligado diretamente (mas não somente) à sexualidade (Eros) e o impulso de morte, que busca retornar ao estado primevo e inorgânico (Tânatos). Logo, diz o autor, fazem-se também necessárias, duas formas iniciais de repressão para o surgimento da civilização: a repressão do impulso primário da sexualidade; e a inibição do impulso destrutivo. O impulso primário sexual é nosso impulso de vida (Eros), e é regido pelo princípio de prazer, e é aquele impulso que exerce pressão para o prolongamento da vida, a libido de nosso impulso sexual coincide “com o ros dos poetas e dos fil sofos, o ual mant m unidas todas as coisas i as” , p . Já o impulso de morte, é regido pelo princípio de nirvana e seria “um impulso, inerente vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas (...). Uma e pressão da natureza conser adora da subst ncia i a” dem, ibidem, p. 52). Ou seja, é uma tendência do aparelho psíquico para a extinção dos desejos, de quietude e ausência de dor, uma tendência à morte. E, para controlar nossos impulsos de vida e de morte há o princípio de realidade.

Estes três elementos, segundo Freud, fazem parte da estrutura mental do *id*, do *e*go e do *su*per^o, e, para ele, há uma oposição entre princípio de prazer e princípio de realidade que é tão antiga quanto a própria civilização; na verdade, é constitutiva dela, já que para Freud a sociedade só foi possível pela repressão do princípio de prazer e, portanto, uma sociedade não-repressiva é impensável para a teoria freudiana. Além disso, como já dito antes, há o impulso de morte, que é o impulso de destruição, causado por uma vontade inconsciente de retorno a matéria inorgânica. Quando do surgimento da vida orgânica até o desen ol imento das sociedades organizadas h uma “tensão não-ali iada” M , s/d, p. 128), causada pela sensação de que o

¹⁵ Segundo a interpretação marcusiana da teoria freudiana, existem três principais camadas da estrutura mental que seriam: o id, o ego e o superego. O id seria a camada mais antiga, maior e a principal que fica no inconsciente e onde habitariam os impulsos primários. E por estar localizado no inconsciente ignora a moralidade ou valores sociais, busca somente a satisfação dos impulsos de acordo com o princípio de prazer. Já o ego é a parte do id que se desenvolve sob a influência do mundo e terno parte consciente para ser seu “mediador” entre o id e o mundo externo), ou seja, o ego organiza e controla os impulsos do id para minimizar os conflitos com a realidade (princípio de realidade). E desta relação do ego com o mundo exterior surge o superego que é responsável pela introjeção da culpa na consciência quando os sujeitos pensam em transgredir as regras da moralidade - tomadas por um impulso do id - e por isso se culpam e se repreendem, contudo, nem sempre é um processo consciente, de fato na maioria das vezes não é. A culpa é introjetada e se torna um processo inconsciente de repressão (MARCUSE, s/d).

estágio anterior era menos sofrido e mais satisfatório do que esse e, portanto há a busca por meio dos impulsos destrutivos de regredir a este estágio¹⁶.

Segundo Freud, a satisfação dos impulsos equivale a felicidade, por isso buscamos satisfazê-los e é por isso, também, que a sociedade reprime-os, pois desvirtua as atenções do trabalho. Para a formação das sociedades, há uma sublimação dos impulsos, por assim dizer, que desconcentra o prazer de sua forma pulsional e o canaliza para formas psíquicas e intelectuais, como, por exemplo, a arte¹⁷.

Desta maneira, o princípio de realidade é o mecanismo mental que permite o surgimento da civilização. Ele surge para controlar tanto nosso impulso de vida como nosso impulso de morte. E somos “podados” pelo princípio de realidade desde a infância¹⁸ até a idade adulta. Para tanto, o princípio de realidade cria mecanismos institucionais, como a família e a escola, que mediante o impulso da criança de buscar a satisfação imediata, tomam medidas para controlar e adiar este impulso. A criança é vigiada mediante os olhos inquisidores dos seus educadores, já que somente controlando seu impulso de vida é que se tornarão aptas para o trabalho. De fato, as instituições são a materialização do princípio de realidade que caracteriza as sociedades atuais. a contemporaneidade a dominação e trapolou os limites “das

¹⁶ Há no pensamento freudiano uma tendência dualística, principalmente quando se trata da teoria das pulsões, assim, Eros depende de Tânatos e vice-versa. O princípio de prazer, quando levado a última instância pode conter também os impulsos de morte, pois, segundo Freud, é uma forma de funcionamento do aparelho mental que na verdade opera no sentido de libertar o aparelho mental de excitações, um esforço de retornar à “ uiescência do mundo inorg nico” (FREUD, 1975, p “ odos n s e perimentamos como o maior prazer por n s ating el, o do ato sexual, acha-se associado à extinção momentânea altamente intensificada. A sujeição de um impulso instintual seria uma função preliminar, destinada a preparar a excitação para sua eliminação final no prazer da descarga” dem, ibidem, p -82)

¹⁷ Retomarei esta relação de arte e sublimação no capítulo II. 1.

¹⁸ Segundo Marcuse, ainda com base na teoria freudiana, a origem da repressão pode ser **ontogenética** - repressões sofridas pelos sujeitos desde sua infância até a idade adulta, ou **filogenética** - repressões exercidas pela sociedade sobre os indivíduos desde seus primórdios até seu estado civilizado. Sobre a repressão filogenética em específico Marcuse nos fala que, segundo Freud, em determinado momento da vida do primeiro grupo humano existente, a organização social do mesmo foi imposta por dominação. Esta foi exercida por quem conseguiu dominar os outros homens e assim possuir as mulheres que desejasse e com elas gerar e conservar vivos os filhos. Este foi chamado de pai, que conservou para si o prazer supremo e “sub ugoou os outros membros da horda ao seu poder” MARCUSE, s/d, p.70) restando para estes últimos canalizar as energias pulsionais (prazer) para a realização de tarefas necessárias para a horda (trabalho) e com isso criou o modelo que guiaria o desenvolvimento da civilização (MARCUSE, s/d).

relações pessoais e criou as instituições para a satisfação ordeira das necessidades humanas, numa escala crescente” Marcuse, s.d., p.

Marcuse reflete que foi pela repressão ao princípio de prazer que pôde se desenvolver a tecnologia e a ciência moderna, já que, a repressão do prazer permitiu aos seres humanos se dedicarem a outras atividades tais como a pesquisa científica. É importante salientar que para o autor, nem toda repressão é negativa, pois ela é em certa medida necessária, como abordarei mais adiante. Ele ressalta que o avanço tecnológico alcançado com a civilização foi importante porque possibilitou um domínio da natureza, mas que, por sua vez, tornou a vida humana mecanizada e padronizada. E, embora tenha saciado mais necessidades de um maior número de pessoas, tornou os sujeitos mais empobrecidos intelectualmente e, conseqüentemente, levou a uma maior ausência de liberdade, já que para Marcuse, liberdade é conhecimento¹⁹, no sentido de que só se é liberto quando primeiro se tem a consciência da repressão, conforme o autor. Depois de alcançada esta consciência, os sujeitos poderiam transgredir a repressão e então alcançar a liberdade, pois a liberdade para o filósofo é a plena realização da racionalidade, ou, dito de outra forma, a razão é a realização da liberdade, e isto só se dá sem repressão. Lembremos que razão para Marcuse é a mesma que para Hegel, por isso liberdade e razão não são passíveis de separação; nas palavras de Marcuse sobre Hegel:

A razão pressupõe a liberdade, o poder de agir de acordo com o conhecimento da verdade, o poder de ajustar a realidade às potencialidades. (...) A liberdade, em troca, pressupõe a razão, pois só o conhecimento compreensivo capacita o sujeito a conquistar e exercer esse poder. (MARCUSE, 1988, p. 22).

Mas, retomando Freud, há um conflito entre princípio de prazer e princípio de realidade no homem civilizado, que é criador da civilização, como dito anteriormente. A história do homem é o eterno conflito entre estes dois princípios, onde a cultura coage os impulsos vitais dos seres humanos segundo Marcuse, para Freud “a história do homem é a história da sua repressão” Marcuse, s.d., p., pois, a satisfação total do prazer, dos impulsos básicos, seria incompatível com

¹⁹ Adorno e Horkheimer também partilhavam dessa visão. Na obra *Crítica da razão puramente instrumental* eles já haviam também declarado “a liberdade na sociedade é a separação do pensamento esclarecedor” Marcuse, s.d., p.

a civilidade. Freud pensava que se os homens vivessem livres para gozar de prazer quando bem entendessem, nunca direcionariam suas forças para o trabalho, que é, em sua maioria, penoso e não prazeroso. É o trabalho é o propulsor das civilizações, sem ele, civilização nenhuma existiria. Assim, é na mudança do princípio de prazer, de uma satisfação imediata, para um princípio de realidade onde a satisfação é adiada, onde o prazer restrito e a “liberdade” igiada ue a ci ilização acontece. Além disso, no princípio de realidade está subentendido □□a□é, a carência, ou seja, na luta pela existência não é possível satisfazer todos os carecimentos humanos, é preciso renunciar alguns e retardar outros e isto se dá por meio do trabalho. □□a□é forneceu a justificativa racional ao princípio de realidade repressivo.

“Princípio de prazer” e “Princípio de realidade” são expressões que correspondem a etapas do processo mental. Segundo a teoria freudiana, são utilizadas para descrever os dois princípios básicos opostos que regem o aparelho mental e onde a questão da sexualidade foi sempre o tema central. Como diz Marcuse:

O papel predominante da sexualidade tem raízes na própria natureza do aparelho mental, tal como Freud o concebeu: se os processos mentais primários são governados pelo princípio de prazer, então aquele impulso²⁰ que, ao atuar sob esse princípio, sustenta a própria vida, deve ser o impulso²¹ de vida (MARCUSE, s/d, p. 42).

Eros, para Freud, se manifesta na sociedade por meio dos impulsos libidinais, portanto, o princípio de prazer está diretamente relacionado com os nossos impulsos eróticos e o princípio de realidade está diretamente relacionado com a repressão²² deles. Essa repressão se evidencia no trabalho, visto que os sujeitos trabalham a maior parte de sua vida madura e este trabalho em sua maioria se caracteriza pela suspensão do prazer e pelo prevailecimento do sofrimento físico. “E como os impulsos²³ básicos lutam pelo predomínio do prazer e a ausência de dor, o princípio de prazer é incompatível com a realidade, e

²⁰ Na tradução original se lê instinto.

²¹ Idem

²² Um das formas de repressão dos instintos libidinais na civilização para Freud é a religião.

²³ Na tradução original: instinto

os impulsos²⁴ têm de sofrer uma arregimentação repressiva” dem, ibidem, p. 51).

Todavia, para Marcuse, esta é uma racionalidade de dominação imposta por uma razão tecnológica²⁵ da sociedade que, em nome da “paz social” e do convívio humano - que nada mais é do que a dominação exercida por um grupo a fim de se manter no poder - sacrifica os impulsos humanos e aliena as chances de felicidade. Marcuse dá uma dimensão política para a teoria de Freud. O que Freud considera uma construção mental do *id* e do *super*, para Marcuse é uma construção social, política e, sendo assim, pode ser transformada. Nesse sentido, Marcuse toma posição diferente em relação a Freud, pois este não acreditava que essa repressão dos impulsos primordiais do homem pudesse ser transformada, pelo contrário, a sociedade só existe por meio dela, já que a satisfação dos impulsos de ida “freia” o progresso na medida em que desvirtua a atenção do trabalho. Já Marcuse, faz uso da teoria freudiana para considerar a possibilidade de se estruturar a sociedade conforme outro princípio de realidade, não mais regido somente pela razão instrumental, mas regido também pelos nossos impulsos libidinais, ou por assim dizer, por Eros.

Partindo, então, de uma dimensão política da teoria de Freud, Marcuse estabelece outro conceito, além do princípio de prazer e princípio de realidade: o princípio de desempenho, que é a forma característica de manifestação na sociedade contemporânea do princípio de realidade. O princípio de desempenho é um termo criado por Marcuse, para enfatizar a repressão que submete os sujeitos na civilização industrial avançada.²⁶

Conforme este princípio os seres humanos são agrupados de acordo com seu desempenho econômico e o que mais o distingue é o controle sobre o trabalho, onde “os homens não i em sua pr pria ida, mas desempenham tão-só funções preestabelecidas. Enquanto trabalham, não satisfazem suas próprias necessidades e faculdades, mas trabalham em alienação” M , s d, p E o trabalho alienado

²⁴ Idem

²⁵ Este termo será abordado e problematizado no capítulo II.2.

²⁶ Segundo Campos (2004, p. 35-36) “A denominação princípio de desempenho deve-se ao fato de que nesse princípio de realidade, os indivíduos são avaliados de acordo com o seu rendimento na produção material. (...) o homem é medido por seu desempenho econômico e a existência humana é definida pela esfera produtiva e pela produtividade. Aliás, é na produtividade que a ideologia do princípio de desempenho tem sua melhor expressão. Produtividade que é repressiva, escravizando o homem, submetendo-o à labuta e afastando-o, conseqüentemente, da receptividade e do repouso”.

é a negação do princípio de prazer, já que para a maioria dos trabalhadores o trabalho não representa um desejo individual. Desta maneira, o conflito maior das sociedades contemporâneas não é entre trabalho e princípio de prazer, mas entre trabalho alienado e princípio de prazer. Pode-se dizer até, que nas sociedades contemporâneas o princípio de realidade realiza sua versão mais avassaladora desde o início da história da humanidade, pois gera uma falsa sensação de felicidade, ou por assim dizer, uma “felicidade” alienada. Os indivíduos estão cada vez menos cientes das mazelas de sua existência, anestesiados que estão, mergulhados em ilusão. Pois, o conhecimento é administrado e os sujeitos não sabem o que realmente se passa; trabalham esperando em troca a felicidade, sem se darem conta de que estão cada vez mais distantes dela.

Há, segundo Freud, uma repressão que é básica no princípio de realidade, pois é necessário impor limites ao desejo de satisfação imediata, caso contrário, viveríamos em função de satisfazer nossos desejos pulsionais, que são necessidades individuais, sendo, desta maneira, impossível criar civilizações. Isto porque, se nos guiassemos exclusivamente pelo prazer, jamais colocaríamos a energia sexual a serviço de funções que exigissem labuta, ou seja, não nos motivaríamos para o trabalho. No entanto, para Freud, o trabalho é a garantia da sobrevivência humana. Marcuse não discorda de que é preciso controlar nossos impulsos de vida e de morte para vivermos em sociedade. De fato, ele admite que o princípio de realidade “apresenta normas, instituições e valores que exigem modificações pulsionais, apresentando, entretanto, conteúdos diferentes, dependendo do estágio civilizatório” (Marcuse, 1968, p. 10). Marcuse denomina esta repressão como “repressão básica” ou “repressão filogeneticamente necessária”, que fica a cargo de justamente dosar o princípio de prazer para que os indivíduos possam deixar de necessitar cegamente da natureza.

Todavia, ressalta o autor, que há um excesso de repressão nas sociedades contemporâneas regidas pelo princípio de desempenho. Ele denomina este excesso de mais-repressão (*surplus-repression*). Ou seja, a mais-repressão “significa a repressão e cedente, o cessar de repressão exigida pela dominação, que estabiliza e preserva o *status quo*, auxiliando na contenção de transformações substanciais na estrutura estabelecida” (Marcuse, 1968, p. 37). Dito de outra forma, essa é a repressão exercida pela dominação de certos grupos de

indivíduos, que exercem o controle a fim de continuarem no poder; ela é imposta por estes grupos para consolidar seus privilégios.

Para Marcuse, porém, é possível uma civilização não-repressiva, ao contrário do que imaginava Freud. O filósofo salienta que existem forças mentais (que foram enfatizadas pelo próprio Freud) que não sofrem influência da repressão do princípio de realidade. Entre estas atividades mentais está a fantasia, que é condição necessária desde a mais inocente brincadeira de criança até as mais elaboradas obras de arte. A fantasia está diretamente relacionada ao princípio de prazer e não ao de realidade, ela consegue manter-se livre do critério de realidade e é a principal ferramenta das brincadeiras infantis e dos artistas. Segundo Marcuse;

A fantasia desempenha uma função das mais decisivas na estrutura mental total: liga as mais profundas camadas do inconsciente aos mais elevados produtos da consciência (arte), o sonho com a realidade; preserva os arquétipos do gênero, as perpétuas, mas reprimidas idéias da memória coletiva e individual, as imagens tabus da liberdade (MARCUSE, s/d, p.132-133).

A imaginação (fantasia) ²⁷ reconcilia nos sujeitos desejo e razão e toma forma consciente por meio da arte. É na arte que pode transparecer “a organização da vida pela lógica da dominação, a crítica do princípio de desempenho” (ibidem, p. 132), e, ainda assim, ela consegue ser agradável, porque está diretamente ligada à fruição de prazer. A fantasia, ou imaginação, desta maneira, se opõe ao princípio de realidade. Há na fantasia uma “realidade alternativa” ²⁸, isto é, uma realidade onde é possível satisfazer impulsos vitais de prazer sem repressão e desta forma há também na arte – já que esta está fundada na fantasia – esta realidade. A fantasia é livre da realidade dada, estabelece sua própria realidade e, sendo assim, pode ultrapassar o presente e visualizar o futuro. Como ressalta Marcuse, em um ensaio para a Revista de Pesquisa Social (Zeitschrift für Sozialforschung) ²⁹ em 1937 (anterior a Eros e Civilização):

²⁷ Na obra de Marcuse os termos fantasia e imaginação são utilizados de forma equivalente, sinônima.

²⁸ Termo usado por Marcuse em Eros e Civilização, p. 136.

²⁹ Revista do Instituto de Pesquisa Social (Escola de Frankfurt).

Para preservar no presente o que ainda não está presente como meta, a fantasia é necessária. Que a fantasia se relacione de modo essencial com a filosofia, resulta da função que foi designada sob o título de 'imaginação' pelos filósofos, particularmente por Aristóteles e Kant. Devido a sua capacidade 'intuitiva' de intuir um objeto mesmo ausente, de criar algo a partir do fundamento do material dado do conhecimento, a imaginação indica um elevado grau de independência, a liberdade em meio de um mundo de não-liberdade (MARCUSE, 2006, p. 155).

Para o autor sem a fantasia, “todo conhecimento filosófico permanece sempre no presente ou preso ao passado, separado do futuro, o que inculca a filosofia histórica da humanidade” (idem, ibidem, p. 156). Assim, na base de todo pensamento filosófico deve estar a imaginação, bem como na arte, nas brincadeiras infantis e no mundo dos loucos (estes que conseguem imaginar num mundo tomado pela infelicidade, um mundo mais belo e mais feliz). Freud percebeu a ligação da imaginação com o princípio de prazer. Segundo ele, a imaginação se origina no princípio de prazer, “a fantasia reflete as estruturas da psique anteriores à cisão provocada pelo princípio de realidade, anteriores, portanto, ao *Triebium induatiois*, que distingue a vida do indivíduo da vida do gênero (*Genus*)” (KANGUSSU, 2008, p. 144). A fantasia guarda as memórias coletivas do inconsciente, aquelas que nos ligam com a espécie em geral, o que para Freud se dava pela sexualidade e, para Marcuse, pela ligação de Eros e imaginação. Eros como dimensão sensível, mas não somente restrito à sexualidade genital. A sociedade separou a vida individual da coletiva, no entanto, a memória que une o individual e o universal fica guardada na parte da memória responsável pela fantasia. E a fantasia, por ser um processo mental independente do princípio de realidade e, ao mesmo tempo, essencial para a vida humana, consegue superar o antagonismo da realidade humana, ou seja, consegue “a reconciliação do indivíduo com o todo, do desejo com a realização, da felicidade com a razão” (MARCUSE, s/d, p. 134).

A fantasia quando ganha forma, podendo ser percebida e compreendida, por meio da arte, faz reaparecer a união entre razão e sensualidade. A arte é a única manifestação humana que consegue conservar sua liberdade na realidade estabelecida e desta forma desafiar

o princípio de desempenho, pois ao resgatar a sensualidade deixa transparecer o princípio de prazer. Freud já havia percebido, mas sem dar muita ênfase, essa capacidade da arte de transgredir a “realidade estabelecida”, que frustra os desejos humanos, como afirma:

A arte é uma realidade convencionalmente aceita, na qual, graças à ilusão artística, os símbolos e os substitutos são capazes de provocar emoções reais. Assim, a arte constitui um meio-caminho entre uma realidade que frustra os desejos e o mundo de desejos realizados na imaginação – uma região em que, por assim dizer, os esforços de onipotência do homem primitivo ainda se acham em pleno vigor. (FREUD, 1996, p. 189).

Para Freud, o artista em seu ofício, o fazer artístico, pratica uma “atividade destinada a apaziguar desejos não gratificados” (idem, *ibidem*, p. 188), do próprio artista e também de seus espectadores. O artista se afasta da realidade, por não concordar com a repressão à satisfação pulsional que ela exige e concede aos seus desejos eróticos liberdade, por meio da fantasia. Dessa forma, o artista (e seus espectadores) ao realizar seus desejos por meio da arte, encontra também, o caminho de volta à realidade, conciliando, assim, a satisfação pulsional e o princípio de realidade. Em sua obra o artista representa suas fantasias e desejos mais íntimos como que realizados na realidade – que, de certa forma, estão mesmo sendo realizados - onde o objetivo principal do artista é libertar-se dos desejos reprimidos e, conseqüentemente, oferecer aos espectadores a mesma libertação. Há uma libertação estética na teoria de Freud, mas que, no entanto, se limita ao momento do fazer artístico e da apreciação artística. É como se durante um espetáculo o artista e o espectador usufríssem, por aqueles instantes, de uma liberdade (de desejos libidinais) reprimida em suas vidas cotidianas, mas que, ao final do espetáculo, tudo volta ao normal. Para Freud, o papel da arte era esse, o de aliviar “tensões” e o princípio de realidade instaura nos sujeitos, haja vista a sua necessária repressão aos impulsos humanos, já que para ele o princípio de realidade é, como já dito antes, necessário para o estabelecimento de civilizações, pois caso contrário, os seres humanos não seguiriam regras, nem se submeteriam à dominação.

Marcuse acreditava também nesta mesma “função” da arte nas sociedades industriais avançadas, qual seja a função de apaziguar qualquer tentativa de revolta gerada pela tensão causada pela repressão

de nossos impulsos. Já que ela é fruição de prazer num mundo cada vez mais dominado pela infelicidade, ela possui efeito catártico nos indivíduos, fazendo com que, ao mesmo tempo em que se opõe à realidade, também reconcilia e absolve esta mesma realidade, na medida em que satisfaz, mesmo que por um breve período, os impulsos de vida, podendo a repressão ser imposta de novo ao fim do espetáculo. Pode-se dizer com isso que o princípio de desempenho consegue transformar a capacidade de libertação da arte em mera utopia.

No entanto, para Marcuse isto se dá porque o princípio de desempenho se apropria da verdadeira função da arte que é a de revolucionar a experiência cotidiana. Sendo assim, pensa ainda o filósofo, que a verdadeira arte, a arte autêntica, pode ultrapassar os limites do momento do espetáculo e levar a libertação para dentro da realidade cotidiana de cada indivíduo e, com isso, revolucionar o sistema de opressão e repressão do princípio de desempenho. A arte é para o filósofo o mais ís el “retorno do reprimido”³⁰, pois “a imaginação artística modela a memória inconsciente’ da libertação ue fracassou, da promessa ue foi tra da” M , s d, p fazendo uso de uma expressão de Adorno³¹ considera que num mundo não livre, só na negação da não-liberdade é que a arte pode sustentar a imagem da liberdade.

Marcuse, portanto, salienta uma dupla função da arte: a de conciliadora dos sujeitos com o princípio de desempenho e a de propulsora de uma revolução que poderia mudar este princípio, pois a Grande Recusa³², o protesto contra a repressão do *status quo*, a luta pela liberdade, para o filósofo, só pode acontecer sem punição na arte. Se de outra forma for, política ou filosófica, por exemplo, é desacreditada como utopia, embora a arte, como já dito antes, também sofra com esta condição de ser considerada utopia. De fato, a teoria marcusiana parece escorregar um pouco nos conceitos, ao fim e ao cabo, parece que o princípio de desempenho consegue relegar todas as forças que poderiam ser revolucionárias a condição de mera utopia e, portanto irrealizável. Todavia, ainda não é possível afirmar isso, primeiramente é preciso compreender como a arte pode agir de forma dupla e, para tanto, é preciso entender de que forma o princípio de desempenho consegue apropriar-se da condição revolucionária da arte e utilizá-la para a

³⁰ Expressão de Marcuse em *Eros e civilização*, p. 135

³¹ A obra é *Die Kunst und die Freiheit* de 1953, p. 182.

³² Termo que Marcuse toma emprestado de Whitehead, *Science and the Modern World* (1926), p. 228.

manutenção do estado de coisas estabelecido; é preciso entender de que forma a sublimação, característica da arte, cede lugar a dessublimação repressiva em nossas sociedades. Assim, vamos adiante, pois esse é o tema do próximo capítulo.

II. A ARTE REVOLUCIONA A EXPERIÊNCIA

□oē a ūta □eā ida□a ūta □or □ros□é a ūta
□o□fica□
□arcuse

II.1. BREVE CLARIFICAÇÃO SOBRE CULTURA

Antes de seguirmos adiante, é preciso fazer uma breve explanação sobre o conceito de cultura que Marcuse utiliza em muitas de suas obras, principalmente em *Eros e Civilização*. Faz-se necessário deixar claro o significado deste termo para o autor, principalmente porque ele faz uma diferenciação entre cultura e civilização, diferentemente de Freud³³, por exemplo, que não o faz.

Marcuse parte da definição de cultura dada pelo dicionário Webster, “segundo a qual cultura é entendida como o complexo específico de crenças religiosas, aquisições, religiões e etc. que configuram o pano de fundo (□iter□rud de uma sociedade” (MARCUSE, 2010, p. 153), para explicar sobre o seu conceito de cultura, desta forma ele considera que:

No centro de minha discussão estará a relação entre o pano de fundo’ cultura e o fundo’ mund’ cultura aparece então como o complexo de objetivos (□ieē) (ou valores) morais, intelectuais e estéticos, considerados por uma sociedade como meta (□ec□) da organização, da

³³ Refiro-me às obras “ futuro de uma ilusão” e “ mal- estar na ci ilização”, nas pala ras de Freud “ ci ilização humana, e pressão pela qual uero significar tudo a uilo em ue a ida humana se elevou acima de sua condição animal e difere da vida dos animais – e desprezo ter que distinguir entre cultura e civilização – apresenta, como sabemos, dois aspectos ao observador. Por um lado, inclui todo o conhecimento e capacidade que o homem adquiriu com o fim de controlar as forças da natureza e extrair a riqueza desta para a satisfação das necessidades humanas; por outro, inclui todos os regulamentos necessários para ajustar as relações dos homens uns com os outros e, especialmente, a distribuição da riqueza dispon el” (FREUD, 2006, p. 15-16).

divisão e da direção de seu trabalho – o em’
das Gut’), que deve ser alcançado mediante o
modo de vida por ela instituído. Por exemplo, o
aumento da liberdade pessoal e pública, a
diminuição das desigualdades, que impedem o
desenvolvimento dos indivíduos ou da
personalidade’, assim como uma administração
capaz e racional, poderiam ser entendidos como
valores culturais’ representativos dos neg-los como
valores é algo que condena oficialmente tanto no
Leste quando no Oeste) para as sociedades
industriais avançadas (Idem, *ibidem*, p. 153).

O filósofo salienta que na época da cultura burguesa, há uma
separação no que se considera cultura intelectual e cultura material,
onde a segunda se refere à civilização. O plano da cultura seria o
“mundo espiritual”, ideal, da autonomia e realização e o plano da
civilização seria o plano da reprodução material da vida, “o reino da
necessidade”³⁴. Essa diferenciação entre o mundo material e espiritual é
característica da época burguesa, e para isso Marcuse dá o nome de
cultura afirmativa e afirmativa por que “reafirma e oculta as novas
condições sociais de vida” Marcuse, 1964, p. 153. Afirmativa
porque afirma que existe um mundo melhor, em idéia, que é
essencialmente diferente do mundo da realidade de fato. Afirmativa
porque apazigua as consciências com o mundo dado, adia a satisfação a
tal ponto e de forma tão eficiente que “os homens podem se sentir
felizes mesmo quando efetivamente não o são” Idem, *ibidem*, p.³⁵

Para Marcuse, a cultura é mais do que ideologia³⁶, ela é, o que o
autor chama de, um processo de humanização (uma *Isieru*), por
assim dizer, pois se busca conservar a vida humana, pacificando a luta
pela existência ou mantendo-a dentro de limites controláveis. É a
tentativa de consolidar a produtividade como forma de organização
social, para “desenvolver as capacidades intelectuais dos homens e para
diminuir e sublimar a agressão, a violência e a miséria” MARCUSE,

³⁴ Expressão de Marcuse em Comentários para uma redefinição de cultura. In: Cultura e
Sociedade vol. II, 2010, p. 155.

³⁵ Como diz Marcuse, p. 153 “característica afirmativa da cultura é o fato de que, como
lugar ideal para abrigar os assim denominados valores mais elevados da humanidade, a
cultura mantém-se, num primeiro momento, como idealidade separada do mundo factual e,
usada como consolo diante das lacunas deste último, serve para afirmá-lo”.

³⁶ Ideologia para Marcuse é a mesma que para Marx; um conjunto de idéias e ações criado pela
classe dominante a fim de permanecerem no poder. Ideologia mascara o “ob eto”, não
mostra a realidade que o “ob eto” realmente é, por assim dizer, mas somente a aparência.

2010, p. 154). Mas esta cultura sempre foi um privilégio de uma minoria, mesmo estando ela hoje mais acessível à maioria pela sua reprodutibilidade técnica. Os “alores superiores” nunca estí eram ao alcance da massa, porque a “sociedade blo ueou h muito tempo os domínios espirituais dentro dos quais essa cultura poderia ser entendida em seu conte do cogniti o e em sua erdade determinada” dem, *ibidem*, p. 159-160). Ainda assim, salienta o autor, a humanidade atingiu ao longo da história, um grau de desenvolvimento tecnológico plenamente capaz de criar um mundo sem exploração e miséria, um mundo pacificado. Isto se dá em grande medida devido a ciência que alcançou “um n el de conhecimento e de produktividade ue a coloca em estado de contradição: a racionalidade científica pura’ inclui a possibilidade real de suprimir (*abscha*) a privação (*a*) e a in ustiça no mundo inteiro” dem, *ibidem*, p. 169). Seria então, a “ i ilização con ertida em ultura” dem, *ibidem*, p

Mas a civilização da era do desenvolvimento industrial avançado se caracteriza por amenizar as insatisfações fazendo com que as necessidades dos sujeitos sejam aquelas necessidades que consolidam o sistema, ou seja, a maioria usufrui de um considerável espaço para compra e venda, acreditam poder expressar suas opiniões e moverem-se li remente, mas na erdade “ amais transcendem o sistema social estabelecido, que determina suas necessidades, suas escolhas e suas opini es” dem, *ibidem*, p os homens e mulheres, resta apenas uma existência mutilada³⁷. Esta forma de conceber a sociedade vem apoiada por um desenvolvimento científico-técnico e pela gradual transformação de um conceito metafísico para um conceito racionalista de homem e natureza. Como relata Marcuse (*Idem, ibidem*, p. 168):

O projeto de Galileu da natureza sem um *teōs* objetivo, a deslocação da pesquisa científica do *br*u ao *como* a tradução (*berset*) da qualidade em quantidade, a expulsão da subjetividade não quantificável da ciência - esse método foi a precondição de todo progresso técnico e material conseguido desde a Idade Média. Conduziu os conceitos racionais de

³⁷ Barbara Freitag (1986, p. 69), comenta ue “ separação da sociedade burguesa em dois mundos – o da reprodução material da vida (civilização) e o mundo espiritual das ideias, da arte, dos sentimentos elevados, etc. (cultura) – permitiu a essa sociedade justificar a exploração e alienação que a grande maioria sofria nas linhas de montagem e de produção, na administração burocratizada, e no cotidiano miser el”

homem e natureza e serviu para criar os pressupostos para uma sociedade racional – pressupostos da humanidade (□□ma□it□T□. Isso foi feito na medida em que aumentava ao mesmo tempo os meios racionais de destruição e domínio, isto é, o meio de impedir a realização efetiva da humanidade.

Dessa maneira, Marcuse defende que a cultura não-científica que fala a sua própria linguagem, como na arte, por não estar presa ao discurso estabelecido da sociedade afirmativa, deixa transparecer outra realidade, com outros valores. E esta outra realidade penetra na realidade estabelecida da vida cotidiana e nega esta realidade. Marcuse acredita ser a arte um meio de furar os “blo ueios” estabelecidos pelo princípio de desempenho contra a emancipação dos seres humanos da condição alienada e mutilada de experiência da existência. Segundo o autor:

Parece-me que o âmbito da literatura, arte e música é infinitamente mais belo, maravilhoso, profundo complexo e articulado, e creio que isso não seja simplesmente uma questão de gosto. O mundo da cultura não-científica é um mundo multidimensional, no ual as ualidades secund rias’ são irredut eis e no ual toda objetividade se refere qualitativamente ao sujeito humano (Idem, *ibidem*, p. 171).

Com isso nos diz Marcuse que a cultura é, em realidade, de caráter duplo, pois contém também um caráter negativo que está justamente na sua dimensão sensível, pois esta não foi totalmente absorvida pela racionalidade científico-técnica. O negativo permite ver outro estado, contrário a esse que está dado, possibilitando a insatisfação com esse mesmo estado dado. Destarte, está na negação a possibilidade da liberdade. Quando algo é negado, uma nova possibilidade é vislumbrada. No entanto, na civilização da cultura afirmativa o que impera ainda é a repressão, como veremos a seguir.

II.2. SUBLIMAÇÃO E REPRESSÃO

O pensamento de Marcuse é permeado com discussões e críticas ao marxismo ortodoxo, principalmente em se tratando de arte. Ele desacreditava da teoria marxista de que a arte de e “assinalar a relação do homem consigo mesmo e com o seu trabalho na sociedade capitalista” Marcuse, 1968, p. 100. Ao contrário, para ele, a arte rompe com a realidade social e, a partir disso, deixa transparecer a verdade, já que a realidade, como a concebemos no dia a dia, não é a realidade mesma, no sentido de que o homem não faz uso de suas plenas capacidades e potencialidade, não faz uso da razão propriamente dita, como concebeu Hegel. Nisso, ela não é racional e sim irracional. A sociedade capitalista³⁸ deturpa essa capacidade humana, ou pelo menos a camufla muito bem.

Assim há uma nítida influência do idealismo alemão nas idéias de Marcuse. Para ele, é preciso fugir do simplesmente dado para se conceber a verdade; e a arte faz isso. Ou seja, a arte não precisa e não de e “descrever a realidade” para mostrar a verdade, por ue na fantasia que a verdade aparece. Descrever a realidade só vai nos deixar mais distantes dela, pois a fantasia, por estar separada do real, permanece livre e deixa transparecer a razão, por mais paradoxal que isso possa parecer. Para o autor, realidade artística e realidade social estão e devem estar separadas. Há um rompimento da primeira com a segunda, onde a primeira está alienada da segunda e conserva a sua negação. Alienada, aqui, possui sentido de alheio, de estar distante. Entrarei mais detalhadamente nesta questão da alienação da arte mais adiante, no capítulo III.

Todavia, em Marcuse, estética e política estão relacionadas. Pois justamente por estar distante da realidade, a arte pode mostrar outra realidade, menos desigual e mais “bela” e, desta forma, por meio da arte os indivíduos podem se aperceber de sua reificação. E quando homens e mulheres se aperceberem de sua condição reificada será dado o primeiro passo para uma mudança política da sociedade. Portanto, por meio da arte, é possível haver uma tomada de consciência, uma “transcendência

³⁸ Adorno e Horkheimer (1991, p. 61) também ressaltaram o caráter irracional da sociedade capitalista, chamaram-na de anti-razão do capitalismo autoritário, “cu a t tcnica de satisfazer necessidades, em sua forma objetualizada, determinada pela dominação, torna impossível a satisfação de necessidades e impele ao e terminio dos homens”

consciente da e istência alienada” Idem, Ibidem, p. 72). Marcuse irá chamar esta capacidade da arte de transcender conscientemente da existência alienada, reificada, de alienação artística. Há, nisto, uma dupla interpretação da palavra alienação que será explicada no capítulo III. Cabe aqui, apenas, ressaltar que, ao discorrer sobre a alienação artística, Marcuse quer dizer que a arte está alienada da realidade, na medida em que não se “prende” a ela, está de fora dela. Sendo assim, não precisa por à vista a realidade; pelo contrário, quanto mais quimérico for, mais a verdade pode transparecer, pois, “a arte contém a racionalidade de negação” Idem, Ibidem, p. 75). Assim, por estar de fora da realidade, a arte pode negar esta realidade que, segundo o autor, é falsamente determinada, podendo, desta maneira, apresentar ao mundo a verdade e possibilitando aos sujeitos uma tomada de consciência e a percepção deste mesmo mundo. Dito de outra forma, a arte pode ultrapassar a consciência reificada e alcançar os impulsos mais bem guardados pelo princípio de realidade.

No entanto, a sociedade burguesa apodera-se desta “força subersiva”³⁹ da arte – de fazer ver a verdade escondida –, pois os grupos dominantes da sociedade, apercebendo-se do potencial revolucionário da forma artística, transformam-na em mercadoria. Transformam-na em mero produto da indústria cultural, com isso eliminando seu caráter negativo e utilizando-a para aprisionar o sujeito na ordem existente. A arte, como produto da indústria cultural - termo muito usado por todos os autores da escola de Frankfurt e cunhado por Adorno e Horkheimer – denota que na época da reproduzibilidade técnica, esta perde sua autenticidade, pois coloca a imitação como absoluto. Há uma passagem interessante na obra “História da cultura do esclarecimento”, que penso ser importante ser citada neste trabalho, como forma de clarificar melhor este conceito. Conforme sugerem Adorno e Horkheimer (1991, p. 118-119):

O mundo inteiro é forçado a passar pelo filtro da indústria cultural. A velha experiência do espectador de cinema, que percebe a rua como um prolongamento do filme que acabou de ver, porque este pretende ele próprio reproduzir rigorosamente o mundo da percepção cotidiana, tornou-se a norma da produção. Quanto maior a perfeição com que suas técnicas duplicam os

³⁹ Expressão usada por Marcuse In: A Ideologia da Sociedade Industrial p. 73.

objetos empíricos, mais fácil se torna hoje obter a ilusão de que o mundo exterior é o prolongamento sem ruptura do mundo que se descobre no filme. Desde a súbita introdução do filme sonoro, a reprodução mecânica pôs-se ao inteiro serviço desse projeto. A vida não deve mais, tendencialmente, deixar-se distinguir do filme sonoro. Ultrapassando de longe o teatro de ilusões, o filme não deixa mais à fantasia e ao pensamento dos espectadores nenhuma dimensão na qual estes possam, sem perder o fio, passear e divagar no quadro da obra fílmica permanecendo, no entanto, livre do controle de seus dados exatos, e é assim precisamente que o filme adentra o espectador entregue a ele para se identificar imediatamente com a realidade.

Pois, se nas sociedades pré-tecnológicas a arte transcendia a experiência cotidiana, nas sociedades tecnológicas o poder de subversão da arte é absorvido pelo *status quo* predominante, o novo é excluído e a arte é transferida para a esfera do consumo. E o controle sobre os consumidores se dá por meio da diversão, que “o riso torna-se nela o meio fraudulento de ludibriar a felicidade” idem, ibidem, p. 131). A indústria cultural, como disseram Adorno e Horkheimer, e depois também Marcuse, “não sublima, mas reprime” idem, ibidem, p. a alienação artística característica da arte sublimada se torna funcional, ou melhor, se torna dessublimação.

Para Marcuse,

Alienação artística é sublimação. Cria as imagens de condições que são irreconciliáveis com o Princípio da Realidade, mas que, como imagens culturais, tornam-se toleráveis, até mesmo edificantes e úteis. Agora essas imagens mentais estão invalidadas. Sua incorporação à cozinha, ao escritório, à loja; sua liberação para os negócios e a distração é, sob certo aspecto, dessublimação – substituindo satisfação mediata por satisfação imediata (MARCUSE, 1978, p.82).

Marcuse utiliza o termo sublimação, que ele extrai da obra de Freud, para explicar as atividades humanas que não possuem relação aparente com a sexualidade, mas que possuem seu elemento propulsor

no impulso sexual, tais como as atividades artísticas e intelectuais. Já que, como já dito antes (ver capítulo anterior), para Freud, a sublimação dos impulsos foi de grande importância para o desenvolvimento da civilização, pois possibilitou trocar o alvo sexual originário por outro que já não é sexual, mas que psiquicamente se aparenta com ele, possibilitando direcionar em maior grau as “energias” humanas para o trabalho. Nas palavras de Freud:

A sublimação do impulso⁴⁰ constitui um aspecto particularmente evidente do desenvolvimento cultural; é ela que torna possível às atividades psíquicas superiores, científicas, artísticas ou ideológicas, o desempenho de um papel tão importante na vida civilizada (FREUD, 2006, p. 103).

No entanto, a sexualidade reprimida no passado - nas sociedades pré-tecnológicas - hoje é “liberalizada”, por ser focada na genitalidade. E a indústria cultural corrobora com isso, na medida em que ela é pornográfica, mas ao mesmo tempo puritana. A arte deixa de ser sublimação para se tornar dessublimação repressiva; pois há um afrouxamento dos costumes relacionados ao sexo, mas nem por isso há um afrouxamento da repressão, ou por assim dizer, a liberação da sexualidade genital debilitou, em contra partida, o impulso erótico. Destarte, os indivíduos foram deserotizados, a experiência erótica foi reduzida a satisfação sexual/genital e com isso a necessidade de sublimação das pulsões eróticas não mais é necessária, pois;

(...) diminuindo a energia erótica e intensificando a energia sexual, a realidade tecnológica *imita o caráter da sublimação*. Reduz também a *necessidade* de sublimação. No mecanismo mental, a tensão entre o que é desejado e o que é permitido parece consideravelmente reduzida e o Princípio da Realidade não mais parece exigir uma transformação arrasadora e dolorosa das necessidades impulsivas⁴¹. O indivíduo deve adaptar-se a um mundo que não parece exigir a negação de suas necessidades mais íntimas – um

⁴⁰ Na tradução original lê-se instinto.

⁴¹ Na tradução original lê-se instintivas.

mundo que não é essencialmente hostil (MARCUSE, 1978, p. 83).

Um mundo que não é essencialmente hostil porque domestica as consciências. Há tamanho controle sobre as consciências que se pode relaxar do controle sobre a sexualidade, proporcionando maior liberdade sexual, mas não maior liberdade erótica. De fato, ao mesmo tempo em que se oferece algo aos indivíduos, priva-se-lhes disso. É isso que faz a indústria cultural por meio da indústria do erotismo, tudo gira em torno do coito, mas não em torno de Eros⁴². Concentrando as atenções para a genitália, pode-se descarregar a libido, deixando o resto do corpo livre para ser utilizado como instrumento de trabalho, e deixando também os impulsos repressivos mais potentes que os eróticos. Isto é o que Marcuse chama de dessublimação repressiva, uma forma consentida de atingir prazer, pois promove a coesão social “ em dei ar de ser um instrumento de trabalho, o corpo tem permissão para exibir suas características sexuais no mundo de trabalho cotidiano e nas relações de trabalho” MARCUSE, 1978, p. 84). Há uma primazia da genitalidade, ou seja, a sexualidade centrada na procriação e, que é na maioria das vezes monogâmica. O que difere disso é visto como perversão, o que acarreta na verdade em dessexualização. Pois, concentrando apenas na genitália a energia sexual é controlada e o prazer é satisfeito, conformando-se às necessidades sociais, isto é, ele é satisfeito sem pôr em risco o *status quo*, o que acarreta uma dessexualização do corpo como um todo. O princípio de Prazer é reduzido e essa administração da libido acaba gerando uma submissão voluntária que “enfra uece a racionalidade do protesto” dem, *ibidem*, p. . A sublimação, ao contrário, conserva a consciência da repressão infligida pela sociedade nos indivíduos e consequentemente conserva a necessidade de libertação.

Assim, fica evidente a diferença entre Eros e sexualidade. Libertar Eros é letal para uma sociedade calcada pelo princípio de realidade. Por isso, se concede o relaxamento moral da sexualidade, que desta forma serve ao princípio de realidade estabelecido e mantém

⁴² Campos (2004, p. 46) esclarece também essa questão, ela diz que “ o espaço de Eros se contrai, intensificando-se a sexualidade. Em outras palavras, libera-se a sexualidade, o impulso parcial de Eros, e a vida é, em grande medida, desertizada. Isso implica na redução da necessidade da sublimação que, como se sabe, ocorre quando os impulsos sexuais são desviados da finalidade original, obtendo descarga através de objetos substitutos socialmente aceitos”.

homens e mulheres “amortecidos”. A subjugação dos impulsos sensuais é, para Marcuse, desde Platão, considerada um elemento essencial da razão humana, que é reafirmada pela lógica aristotélica que concebe o *lógos* como essência do ser. É a partir deste ponto que a razão passa a se apresentar como razão instrumental e unidimensional, como uma lógica de dominação. Desta forma, o autor irá declarar que só concebendo o ser como uma fusão entre Eros e *lógos* é que pode se realizar a ruptura com a lógica de dominação. O ser como Eros permite uma sublimação desrepressiva, pois desta forma, “a sexualidade não é desviada nem impedida de realizar seu objetivo, mas, ao realizá-lo, transcende-o em busca de gratificação mais plena (KANGUSSU, 2008, p. 119-120). Ao contrário de uma sexualidade pornográfica, concentrada na genitalidade, uma pulsão erótica livre permite uma auto-sublimação da sexualidade. Nesse sentido, a literatura clássica era um exemplo de sexualidade sublimada que conservava a imagem da liberdade, enquanto, que a literatura atual caracterizada pelos seus bestsellers, por assim dizer, em muitos casos, escancaradamente, obscenos, são repressivos. A indústria do erotismo faz parecer a homens e mulheres que todas as suas necessidades pulsionais possam ser satisfeitas, todavia, esta só quer que continuem como eternos consumidores submissos.

Para tanto, a arte é dessublimada e transformada em diversão, no sentido de distração. As pessoas são distraídas para serem mais facilmente manipuladas.⁴³ Se a arte era sublimação, a lógica de dominação da sociedade burguesa percebendo-se disso utiliza a arte em favor dela, na medida em que libera a reprodução em massa de grandes obras de arte - reprodução possibilitada pela revolução tecnológico-industrial - tira o caráter único, singular da arte para transformá-la em mercadoria. Toda a arte passa a ser idêntica, pois se antes era preciso ir até um museu para ver a Mona Lisa de Da Vinci, hoje facilmente encontra-se uma cópia à venda em qualquer lugar. Desta maneira, concilia-se a arte com a “moral” do princípio de desempenho. Apesar da arte hoje ser mais acessível a qualquer pessoa, ela já vem destituída de reflexão. Hoje é uma “dessublimação controlada”, nas palavras do autor, que faz enfraquecer a revolta contra o princípio de realidade e isso se reflete na arte. Se antes a sexualidade era sublimada nas obras

⁴³ Como disseram Adorno e Horkheimer, p. 100: “O divertir-se significa estar de acordo. Isso só é possível se isso se isola do processo social em seu todo, se idiotiza e abandona desde o início a pretensão inescapável de toda obra, mesmo da mais insignificante, de refletir em sua limitação o todo. Divertir significa sempre: não ter que pensar nisso, esquecer o sofrimento até mesmo onde ele é mostrado”

artísticas, honesta e mais realista, mas infinitamente mais inofensiva. Freud já dizia que:

[...] A arte oferece satisfações substitutivas para as mais antigas e mais profundamente sentidas renúncias culturais, e, por esse motivo, ela serve, como nenhuma outra coisa, para reconciliar o homem com os sacrifícios que tem de fazer em benefício da civilização (FREUD, 2006, p. 23).

No entanto, ele ainda iria dizer que:

À frente das satisfações obtidas através da fantasia ergue-se a fruição das obras de arte, fruição que, por intermédio do artista, é tornada acessível inclusive àqueles que não são criadores. As pessoas receptivas à influência da arte não lhe podem atribuir um valor alto demais como fonte de prazer e consolação na vida. Não obstante, a suave narcose a que a arte nos induz, não faz mais do que ocasionar um afastamento passageiro das pressões das necessidades vitais, não sendo suficientemente forte para nos levar a esquecer a aflição real (FREUD, 2006, p. 88).

Visto por este prisma por mais que a sociedade busque “cegar” os sujeitos de suas reais frustrações por meio da arte, esta não é “suficientemente forte”, para usar as palavras de Freud, para isto. A arte, a meu ver, pode ter esta dupla função: cegar os sujeitos para a sua real condição. Quem não se lembra da política de pão e circo?⁴⁴ Ou acordá-los para a sua real libertação. A arte nas sociedades capitalistas pós-industriais está justamente – por meio da indústria cultural – sendo utilizada para validar o princípio de desempenho, transformando valores estéticos em meros adornos ou *hobbies* privados. Marcuse salienta que, a própria mudança no uso do significado original da palavra *estética* do grego *aisthesis*, como pertencente aos sentidos, como uma forma de apreensão de conhecimento (sensível) ao lado da razão, para – com o predomínio do racionalismo – se transformar em teoria do belo e da

⁴⁴ A política de pão e circo foi uma política criada na Roma antiga para diminuir a insatisfação popular contra os governantes. Estes promoviam a distribuição de comida e diversão ao povo. Foram feitos “espetáculos” sangrentos entre gladiadores nos estádios e durante estes espetáculos distribuía-se pão aos espectadores.

arte; para aquilo que é pertinente à beleza e à arte, demonstra o menosprezo que se instaurou pelo princípio de desempenho aos processos cognitivos sensuais, passando ao intelecto a função de organizá-la. A mudança de significado, estética, como disciplina da arte e do belo, faz com que esta perca sua abrangência conciliando-a com a moral do princípio de desempenho. Desta forma, Marcuse irá preferir resgatar o sentido original de estética, como *aisthesis* e rejeitar seu uso atual, recorrente na modernidade como estudo do belo e da arte.

A função estética quando operada pelo impulso lúdico liberta o homem moral e fisicamente e harmoniza sentido e razão. Marcuse, via na arte um grande potencial para a libertação dos homens do “reino da necessidade”. Para ele, a arte continha a racionalidade de negação da sociedade e é esta mesma sociedade que dá as condições para tal. Mesmo assim, salienta ele, ela pode acabar por consolidar essa mesma sociedade, como vem acontecendo.

As maneiras pelas quais o homem e as coisas são levados a se apresentar, cantar, soar e falar são maneiras de refutar, interromper e recriar sua existência real. Mas essas formas de negação rendem tributo à sociedade antagonista a que estão ligados. Separado da esfera de trabalho na qual a sociedade reproduz a si mesma e sua miséria, o mundo da arte que elas criam permanece, com toda a sua verdade, um privilégio e uma ilusão (MARCUSE, 1978, p. 75).

Para o autor, a cultura superior está sucumbindo ao processo de dessublimação repressiva, pois ao contrário da sublimação, não visa promover uma libertação real, mas, como dito antes, aprisiona o sujeito na ordem existente, já que no capitalismo a opressão assume uma forma de gratificação e não de privação, que cega o sujeito para a sua real emancipação, pois, “o povo eficientemente manipulado e organizado é livre, a ignorância (...), é o preço de sua liberdade” (MARCUSE, s/d, p. 14). Ao que parece, faz parte do planejamento dessa sociedade o controle sobre os impulsos, de tal forma tão bem planejada, que o indivíduo aparenta ser livre, mas é, de fato, apenas o produto da aparelhagem econômica e social da sociedade capitalista. Desta maneira, sublimar não é mais necessário, já que não condiz com as necessidades do capital, afinal, se sublimar é guardar a memória da repressão de nossos impulsos – o que pode estimular a revolta – a repressão se esconde na aparente liberdade sexual contemporânea.

A sublimação, embora envolva a troca da satisfação sexual por outra, que não é sexual, ainda satisfaz nossos impulsos sexuais. Como diz Freud:

A vicissitude mais importante que um impulso⁴⁵ pode experimentar parece ser a sublimação; aqui, tanto o objeto quanto o objetivo são modificados; assim, o que originalmente era um impulso⁴⁶ sexual encontra satisfação em alguma realização que não é mais sexual, mas de uma valoração social ou ética superior (FREUD, 1996, p. 272).

Marcuse se apropria desta idéia de Freud e, desta maneira, pensa ele, que a sublimação foi a principal esfera da civilização, pois ela envolveu a dessexualização de Eros. Isto foi necessário porque as relações de trabalho que se estabeleceram na sociedade em sua maioria foram laboriosas, penosas, alienadas e não-libidinais, portanto, tiveram que ser impostas e, desta maneira, foi preciso tirar energia dos impulsos primários (sexuais) sublimando-os; caso contrário, como já dito antes, os homens e mulheres não se sentiriam estimulados a trabalhar, pois o trabalho não lhes oferece prazer, a sublimação surge para suprir esta carência. Assim, percebe-se que, a sublimação é de fato repressiva, pois é repressão do impulso sexual, o que é salutar numa sociedade que precisa reprimir os impulsos humanos. Desta forma, antes da era capitalista existia a repressão por sublimação, mas existia com isso a possibilidade de revolta, já que se tinha percepção do que estava sendo sublimado, por assim dizer. Mas o que impera hoje é a dessublimação repressiva que não sublima, nem liberta, pois somente finge satisfazer o impulso sexual. O que sugere Marcuse, portanto, é que se estabeleça uma sublimação não repressiva. Para tanto, será necessário uma mudança na forma como se apresenta o trabalho e as relações de trabalho em nossos dias. Marcuse, é preciso enfatizar, não era um defensor da extinção do trabalho, pelo contrário, acreditava nele, todavia, reflete que se estabeleceu nas sociedades um tipo específico de trabalho, o trabalho alienado, que não permite ao homem realizar a sua essência⁴⁷.

⁴⁵ Na tradução original, lê-se instinto.

⁴⁶ Idem nota 44.

⁴⁷ Sobre isso nos diz Jay (2008, p. 120 – “ trabalho, afirmou Marcuse, era a natureza do homem; era uma categoria ontológica, como Marx e Hegel haviam compreendido, embora o primeiro tivesse sido mais perspicaz, ao levá-lo além do trabalho mental. (...) Ao atribuir as

Houve, no entanto, um modo de trabalho que continuou oferecendo satisfação e prazer: o trabalho artístico, pois este pode conciliar trabalho (princípio de realidade) com princípio de prazer. O fazer artístico, se for genuíno, é não-repressivo e pode revolucionar a experiência, na medida em que pode libertar os sujeitos do mundo da necessidade. Uma revolução por meio da arte possibilitaria a “auto-sублиmação” da realidade, e com isso poderia criar relações humanas que não deixem de ser altamente civilizadas, mas que, no entanto, não estejam sujeitas à organização repressiva que esta mesma civilização impôs ao impulso. Possibilitando assim, um progresso histórico para além do princípio de desempenho, criando um novo princípio de realidade. Este novo princípio de realidade seria caracterizado por um estado estético, onde razão e sensação se uniriam por meio de uma razão sensual, para isso a razão seria dessublimada e a sensualidade sublimada, uma sublimação desrepressiva que possibilitaria “tornar o impulso sexual socialmente aceito através de sua transformação ampliada em atos” angustiosos, e aí então se encontraria a liberdade, pois, é no estado estético onde verdadeiramente, se encontra o estado de liberdade.

A des-sублиmação da razão é justamente um processo tão essencial, na emergência de uma cultura livre, quanto a auto-sублиmação da sensualidade. No sistema estabelecido de dominação, a estrutura repressiva da razão e a organização repressiva das faculdades sensuais suplementam-se e apóiam-se mutuamente. Nos termos de Freud: a moralidade civilizada é a moralidade dos impulsos⁴⁸ reprimidos; a libertação destes implica um “rebaixamento” daquela. Mas esse rebaixamento dos valores superiores poderá devolvê-los à estrutura orgânica da existência humana, da qual foram separados, e a reunião é suscetível de transformar a própria estrutura. Se os valores superiores perdem seu caráter remoto, seu isolamento e hostilidade em relação às faculdades inferiores, estas poderão tornar-se livremente acessíveis à cultura. (MARCUSE, s/d, p. 173)

contradições da sociedade a um tipo específico de trabalho, Marcuse pôde falar de uma mudança essencial’, que seria produzida pela superação do trabalho alienado”

⁴⁸ Na tradução original lê-se instinto.

Na base deste novo princípio de realidade está a sublimação não-repressiva, que é totalmente incompatível com as instituições do princípio de desempenho que é caracterizada por uma dessublimação repressiva, como já mencionado anteriormente. Nesta nova realidade social o trabalho será libidinal, será prazeroso. Na sociedade regida pelo princípio de desempenho tal trabalho até existe, como já salientado, mas é exceção, e normalmente é considerado um hobby ou um passatempo. Tal trabalho, o fazer artístico, frequentemente gera a questão: ser artista ou viver de arte é realmente trabalho? Uma atividade que associa trabalho e prazer é praticamente impensável para a maioria dos indivíduos, de tal forma, que quando isso acontece, como na arte, é visto, na maioria das vezes, de forma pejorativa.

Mas sob condições não-repressivas, sob o domínio da liberdade, será o tempo livre e não o tempo de trabalho que determinará a existência humana, esta será regida pelo livre jogo das faculdades individuais (domínio lúdico) e a sexualidade se tornará Eros. A razão será sensual e o reino da liberdade ser “isonado □ara a ãem do domínio da necessidade a liberdade não est dentro, mas fora da “luta pela e istência” Marcuse, s d, p .

No entanto, a sociedade como está estruturada hoje, pela ideologia do princípio de desempenho, faz com ue esta “ideia” de sociedade seja difamada como utópica, sendo depreciada por teorias políticas e filosóficas consideradas “realistas”, por assim dizer, no sentido de que são cientificistas e adéquam o ser humano a uma função. Na verdade, estas são teorias políticas e filosóficas que já foram incorporadas pelo pensamento unidimensional cientificista e técnico do princípio de desempenho. Hoje, a contradição é suprimida pela unidimensionalidade, o mundo que antes era bidimensional, que continha sua negação, hoje é um mundo sem oposição, pois a racionalidade tecnológica absorve a oposição e a incorpora à realidade. E isto foi feito com a arte. Ao ser incorporada pela indústria cultural a forma artística se adéqua ao sistema estabelecido e, se antes ela era fonte de poder revolucionário, hoje vem destituída de reflexão.

Todavia, é na arte que ainda se encontra o único espaço que sobrou para “protestar contra a repressão desnecessária” M , 1978, p. 139). Ainda é, para Marcuse, a única linguagem revolucionária que resta e somente pela linguagem artística é possível expressar sem punição a vontade de liberdade. Ainda que, como o autor faz questão de frisar, ela tenha sido incorporada pela indústria cultural e transformada

praticamente numa mera reprodução de técnicas sem real valor estético; resta ainda nela, a possibilidade de uma posição política, de protesto. Nesse sentido, Marcuse via o potencial político na arte, mas não a arte como política, não acreditava numa arte política, engajada, mas sim na potencialidade da arte de “liberar a percepção e a sensibilidade necessitadas para a transformação. E, uma vez uma mudança social houvesse ocorrido, a arte, forma da imaginação, poderia guiar a construção da no a sociedade” M , p

Assim, a arte não muda o mundo, mas tem o poder de mudar as consciências, estas sim têm a capacidade de mudar o mundo, mesmo que isso aconteça pelo fato de a arte não ser mais considerada “perigosa” pelos grupos dominantes da sociedade, interessados pela manutenção do *status quo*, podendo assim, ser contestadora sem sofrer represálias. Por meio da arte se dá o caminho da transformação da sociedade para uma sociedade livre - que seria para o filósofo - uma sociedade erótica, sensível, que permitiria o livre jogo das faculdades e desejos humanos. Para ele a arte fala a linguagem da descoberta. Segundo o autor:

A negação definitiva da realidade estabelecida seria um universo “estético”, estético no duplo sentido de pertencente à sensibilidade e à arte, ou seja, a capacidade de receber a impressão da forma: formas belas e agradáveis como o modo possível de existência de homens e coisas. (...) A arte (em primeiro lugar, mas não exclusivamente, as artes figurativas) descobre que existem coisas; coisas e não meros fragmentos e partes da matéria para serem manipulados e usados arbitrariamente, mas “coisas em si” coisas que “pedem” algo, que sofrem e que se rendem ao domínio da forma, o que vale dizer, coisas que são intrinsecamente “estéticas” arte assim descobre e libera o domínio da forma sensível, o prazer da sensibilidade, em contraposição ao caráter do falso, do informe e do torpe na percepção, fatores repressivos da verdade e do poder da sensibilidade, da dimensão sensível como dimensão erótica (MARCUSE, 1978, p. 249-250).

A arte, num mundo cada vez mais “positivo”, num mundo onde cada vez mais é imposta a ordem por meio da repressão, assume, por causa disso, cada vez mais, uma posição política, por assim dizer, no

sentido de poder ser uma ferramenta de protesto e de recusa desta realidade. Poder fazer perceber aos homens e mulheres reprimidos a possibilidade de uma outra realidade determinada pelos impulsos de vida é, para o autor, a finalidade da arte. E desta forma a arte une dimensão estética e política para conceber uma sociedade pacificada e harmoniosa. Ela pode “preparar o terreno” para fazer a vida humana em sociedade se realizar por completo. Conforme Marcuse:

A realização da arte como princípio de reconstrução social pressupõe mudanças sociais fundamentais. O que está em jogo não é o embelezamento do que existe, mas sim a reorientação total da vida em uma nova sociedade (Idem, *ibidem*, p. 252).

A proposta de Marcuse é de que, a arte poderia ser usada como uma técnica para construir uma nova sociedade, ou melhor, a técnica como arte para a construção da vida como beleza. Técnica não no sentido da tecnologia ou da técnica como a razão tecnológica que reprime e que sujeita os indivíduos a serem meras ferramentas, ou melhor, objetos de consumo, como predomina nas sociedades hoje, mas uma técnica liberta desta condição. A arte assumiria assim um novo papel, transcendente de si mesma, como não mais criadora de ilusões, mas criadora de uma nova sociedade, “como arquitetura de uma sociedade livre” *idem, ibidem*, p. 256. Esse novo papel da arte possibilitaria uma nova relação entre impulso e razão, onde a sensualidade seria auto-sublimada e a razão dessublimada. É na possibilidade de negação que a arte contém dentro de si, que ela pode liberar o negativo, ou seja, a contestação e libertar “o inconsciente e o consciente mutilados, que solidificam o *Stalinismo* repressivo” (*idem, ibidem*, p. 256).

Todavia, contra a possibilidade disto realmente acontecer, as sociedades repressivas, caracterizadas pelo princípio de desempenho, estimulam nos sujeitos a agressividade e a produtividade mesmo tendo atingido um grau de desenvolvimento tecnológico e técnico que permitiria a homens e mulheres tornarem-se livres da necessidade do “trabalho pesado”, fatigante e não prazeroso - na medida em que se têm hoje condições materiais para isso, as máquinas poderiam fazer este serviço - e dedicarem-se ao trabalho lúdico, libidinal, prazeroso. A racionalidade tecnológica característica destas sociedades está cada vez

mais conseguindo apaziguar as consciências, fazendo com que as necessidades pulsionais de prazer sucumbam à esta racionalidade.

Para entender melhor este processo é preciso termos esclarecido o que vem a ser a técnica e a racionalidade tecnológica de que nos fala Marcuse. Assim, vamos para o próximo capítulo.

II.3. TÉCNICA E RACIONALIDADE TECNOLÓGICA – O comportamento unidimensional

A tecnologia, pode-se dizer, é uma das formas de relacionamento do homem com a natureza, por meio do aperfeiçoamento das formas de produção e trabalho humanos submetido a isso, há “um projeto histórico de subjugação da natureza” (Marcuse, 1968, p. 10), um projeto político em que prevalece a dominação “segundo o qual as regras de apropriação do mundo natural são estabelecidas pela racionalidade científica e tecnológica” (idem, 1968, p. 10). A natureza como objeto a ser dominado e explorado. Não entrarei na discussão sobre o que “natureza”, pois a natureza referida neste contexto é visada como externa ao ser humano, como o mundo natural do qual o ser humano abdicou para viver em sociedade. Penso que, em Marcuse, natureza e sociedade são conceitos separados e bem distintos um do outro. Desta forma, há um projeto, como dito anteriormente, de subjugação, de domínio da natureza que, todavia, não se aplica somente à natureza, mas também à humanidade nas suas relações sociais e na cultura.

Este projeto histórico⁴⁹ levou a um grande desenvolvimento da tecnologia que, em conjunto com o prevalecimento da razão, em detrimento dos sentidos, levou ao surgimento de uma racionalidade tecnológica, que se apresenta também como racionalidade política.

Segundo esta “racionalidade”, o supérfluo vira essencial, no sentido de que, as pessoas estão expostas a inúmeros produtos que induzem ao consumo. Essa racionalidade faz parecer que estes produtos são necessários, mas na verdade não são. Um exemplo são os aparelhos eletrônicos que surgem, a cada ano, em novos modelos com novas funções. Assim, faz-se parecer que o surgimento destas mercadorias supérfluas responde a uma demanda dos consumidores, como se os produtos fossem oferecidos porque são reclamados pelas pessoas, para suprir necessidades reais. Não se percebe, todavia, que estes produtos são oferecidos segundo os imperativos do lucro e que se trata de uma demanda que, de fato, já está preestabelecida e que por trás das mercadorias estão interesses de classe. Estes interesses, que são de fato interesses da classe dominante, ficam encobertos por um “manto

⁴⁹ A noção de projeto histórico, que Marcuse lança mão, é de origem sartriana. O termo “projeto” frisa que o ser humano possui a responsabilidade pela determinação histórica.

tecnológico”, que perpetua falsas necessidades e atua na repressão aos impulsos, prolongando o sofrimento humano.

A ideologia está no próprio processo de produção, pois a produção disponibiliza mercadorias que condicionam o comportamento dos sujeitos, desta maneira, a sociedade industrial, e hoje pós-industrial, é unidimensional. Porque, apesar de criar e perpetuar falsas necessidades e a labuta, de destruir sistematicamente os recursos naturais e incentivar o desperdício, consegue, ainda assim, a adesão da maioria. Pois, os sujeitos incorporam e reproduzem os valores sociais estabelecidos, a tal ponto, que a negação, a oposição a este sistema é absorvida por ele, vigorando apenas uma única dimensão da sociedade, em que toda oposição a ela é repelida. A ideologia do capitalismo é de tal forma absorvida pelas pessoas que o comportamento humano- suas aspirações e ideais – se restringe aos limites da dimensão estabelecida, não deixando perspectiva transcendente, o que acaba por desestimular a ação política de contestação.

Pode-se dizer que o desenvolvimento da tecnologia e suas conseqüências na sociedade – principalmente na arte - foi tema recorrente na filosofia de Herbert Marcuse. Para ele, o desenvolvimento da realidade tecnológica estaria minando as bases da alienação artística, estaria invalidando a essência da arte. A alienação artística estaria sucumbindo à racionalidade tecnológica⁵⁰ (MARCUSE, 1978). Esta racionalidade tecnológica também estaria minando as bases da própria racionalidade, pois para Marcuse racionalidade é esclarecimento, ou melhor, é uma ação individual movida pelo esclarecimento, como proposto por Hegel. Como já dito anteriormente, no entanto, nas sociedades tecnológicas o comportamento social é condicionado ao conformismo, à uma “ consciência feliz”, ao pensamento positivo (ao contrário de um pensamento crítico) que cria uma falsa sensação de bem-estar e que leva à um comportamento unidimensional. As mais íntimas ações das pessoas estão completamente reificadas para elas próprias, a técnica é transformada em procedimento de manipulação de massas, não há mais divergências e a linguagem se torna funcional e repetitiva, sem reflexão. A informação é generalizada, mas a capacidade de interpretação e avaliação dessas mesmas informações é podada. Segundo o autor;

⁵⁰ m “ racionalidade do esclarecimento”, Adorno e Horkheimer também declararam “ racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma” , p

A locução é privada das mediações que são as etapas do processo de cognição e avaliação cognitiva. Os conceitos que compreendem os fatos, e desse modo transcendem estes, estão perdendo sua representação lingüística autêntica. [...] A funcionalização da linguagem ajuda a repelir os elementos não-conformistas da estrutura e do movimento da palavra (MARCUSE, 1978, p. 93).

O pensamento positivo, ao identificar as coisas com suas funções, extrai dessa identificação a reflexão; a linguagem se torna um instrumento de controle, na medida em que nega ou controla a reflexão e o vocabulário transcendente e impõe a verdade e a falsidade. Na era tecnológica, palavras aparentemente opostas são unidas; liberdade e servidão, por exemplo: ser livre é ser livre para comprar e para comprar é preciso trabalhar (e muito). A linguagem destituída de reflexão se torna um poderoso instrumento de dominação das massas, a razão tecnológica consegue deturpar a ideia de liberdade e aplacar as expressões de protesto. Para compensar a falta de liberdade, há a possibilidade de satisfazer-se materialmente e há, ainda, a indústria cultural, que apazigua nossos desejos libidinais⁵¹.

Nesta nova realidade, “o ser-assim’ metafísico cede lugar ao ser-instrumento” M..., p.... A razão, como racionalidade tecnológica, é uma transformação da ideia de razão, pois para o filósofo, razão e liberdade se identificam, na medida em que, para ele, a razão é a condição necessária para a liberdade – lembrando, aqui, que o conceito de razão que Marcuse utiliza é herança de Hegel, como já mencionado anteriormente e, sendo a razão para Hegel, “a faculdade humana que se manifesta no uso completo feito pelo homem de suas possibilidades”..., p.... O ser humano não está agindo, de fato, de forma racional, na realidade, essa racionalidade está sendo substituída na contemporaneidade pela racionalidade tecnológica, que

⁵¹Kangussu (2008, p. 45-46) traz contribuição interessante sobre essa questão: “Novas necessidades são criadas e satisfeitas pela produtividade do sistema estabelecido. As imagens do ideal vão sendo incorporadas à realidade, a lógica mostra que os antigos problemas metafísicos são problemas de linguagem; assim racionalizado utilitariamente, aparece um mundo sem oposição. No passado, apesar de seu caráter afirmativo, a cultura foi também apresentação do reino da liberdade; a eliminação desse reino precisa ser compensada com algo que lhe pareça superior, e a crescente satisfação material foi essa compensação. Para compensar o genuíno desejo de felicidade há a Indústria Cultural”.

tecnifica e automatiza as ações humanas e busca a eficiência e não o esclarecimento. No *modus operandi* da sociedade da técnica, se impõe a racionalidade tecnológica. Esta é uma racionalidade de dominação, imposta por um grupo a fim de se manter numa posição privilegiada. Essa racionalidade não impede o progresso material e intelectual, porém isso é secundário, de fato, o que se pretende é preservar a dominação. Nas suas palavras:

O progresso técnico, levado a todo um sistema de dominação e coordenação, cria formas de vida (e de poder) que parece reconciliar as forças que se opõem ao sistema e rejeitar ou refutar todo protesto em nome das perspectivas históricas de liberdade de labuta e de dominação (MARCUSE, 1978, p. 15-16).

Desta maneira, Marcuse usa o termo, “sociedade da técnica”, para caracterizar a sociedade contemporânea. Sociedade esta, em que a tecnologia altamente desenvolvida é usada para o controle e dominação dos sujeitos. Para ele, o progresso técnico oferece aos homens uma confortável falta de liberdade, na medida em que nega individualidades, mas oferece comodidades “...endo o progresso técnico por instrumento, a falta de liberdade – significando sujeição do homem ao seu aparato produtivo – é perpetuada e intensificada sob a forma de muitas liberdades e comodidades” (Idem, *Ibidem* p. 49). Técnica, neste momento, está entendida como a produção tecnológica, que, tomada como forma universal de produção material, marca os limites de toda uma cultura, já que, a tecnologia acaba por transformar-se em ideologia. A racionalidade científico-tecnológica legitima a dominação, na medida em que produz abundância e absorve os conflitos e, desta forma, enfraquece a contestação ao sistema.

Em seu livro, *Teoria da Sociedade Industrial* o autor nos fala que o desenvolvimento extremo da tecnologia, juntamente com a contestação da sociedade pelos marginalizados⁵², poderá ter efeitos revolucionários, muito embora, a sociedade atual que tem como base a tecnologia, percebendo este potencial revolucionário, tente

⁵² Nos primeiros escritos de Marcuse antes de *Crítica e Esclarecimento* e *Teoria da Sociedade Industrial* o agente da revolução era o proletariado, mas com a ascensão do nazismo e a adesão do proletariado alemão a Hitler, Marcuse perde as esperanças de uma revolução feita pelo proletariado e passa a sua atenção para os marginalizados pela sociedade como minorias econômicas e étnicas, estes seriam então os novos agentes da revolução.

incansavelmente evitar este avanço, não o avanço da tecnologia, mas do potencial revolucionário que nela pode surgir. Conforme Marcuse,

No período contemporâneo, os controles tecnológicos parecem ser a própria personificação da razão, para o bem de todos os grupos e interesses sociais - a tal ponto que toda contradição parece irracional e toda ação contrária parece impossível (idem, *ibidem*, p. 30).

Marcuse argumenta que, mesmo sendo hoje a tecnologia usada a favor da dominação e exploração, uma transformação tecnológica e consequentemente política poderia ocorrer com o crescente desenvolvimento da mesma, se esta fosse usada para fornecer a paz. A tecnologia, assim usada, diminuiria as desigualdades sociais na medida em que liberaria os sujeitos de trabalhos “pesados” – tais como; operários (as) de construção ou fábricas, faxineiros (as), lixeiros, etc. - ficando estes a cargo das máquinas. Dessa forma, libertaria as consciências para que a ciência e a técnica trabalhassem para a satisfação da vida humana. Com isso, diz Marcuse, que seria necessária uma ciência e uma técnica diferente das atuais; de fato, seria necessária uma mudança essencial na ciência, ou talvez, uma mudança de valores e de utilização dessa ciência, para a emancipação dos seres humanos.

Muito embora Marcuse venha de uma tradição marxista, ele não mais acredita que o embate entre burguesia e proletariado pudesse gerar uma transformação histórica. Elas são ainda as classes básicas, mas com o desenvolvimento do capitalismo estes antigos antagonistas buscam agora a manutenção do *status quo* (MARCUSE, 1978). E a este estado em que se encontram as sociedades contemporâneas hoje – de intenso desenvolvimento da tecnologia e falsa sensação de bem-estar - Marcuse dá o nome de Sociedade Unidimensional que se situa, desde seu início, entre duas hipóteses opostas:

1) a sociedade Industrial desenvolvida impede o desenvolvimento qualitativo da sociedade hoje e durante seu futuro próximo e;

2) existem forças paralelas que podem romper com esta alienação e fazer “e plodir a sociedade” idem, *ibidem*, p.18).

Marcuse alerta que estas hipóteses, não estão claras, pois a segunda hipótese existe lado a lado com a primeira e como a primeira é predominante, tudo está sendo feito para impedir que a segunda ocorra. Além disso, o desenvolvimento da tecnologia favorece cada vez mais o controle destas forças, serve cada vez mais para controle e coesão social,

visto que, o seu desenvolvimento não é “neutro” “ tecnologia não pode, como tal, ser isolada do uso que lhe é dado; a sociedade tecnológica é um sistema de dominação que já opera no conceito e na elaboração das técnicas” idem, ibidem, p.19). É preciso destacar que Marcuse não nega que com o avanço da tecnologia criaram-se melhores condições de vida nas sociedades, tanto que acredita que o seu desenvolvimento extremo poderia gerar mudanças benéficas para os indivíduos, no entanto, esta é usada pelos organismos de poder como uma forma de dominação social. Criam-se falsas necessidades materiais e intelectuais para os indivíduos, necessidades que, se supridas, propiciam uma falsa sensação de felicidade, e que, no entanto, perpetuam a “labuta, a agressividade, a miséria e a injustiça” idem, ibidem, p. 26). Nessa perspectiva, até mesmo sensações como o amor e o ódio são manipulados pelo interesse social predominante, há uma falsa sensação de liberdade, criada por meio de comodidades oferecidas pelo desenvolvimento da tecnologia. Todavia, Marcuse vislumbrava que, uma mudança na sociedade poderia ocorrer por meio dos desempregados, dos marginalizados e das minorias étnicas, já que esses são arremessados para fora do sistema. O filósofo ainda iria dizer que:

Quanto mais racional, produtiva, técnica e total se torna a administração repressiva da sociedade, tanto mais inimagináveis se tornam os modos e os meios pelos quais os indivíduos administrados poderão romper sua servidão e conquistar sua própria libertação (idem, ibidem, p. 28).

Desta maneira, a tecnologia poderia ajudar na desalienação do ser humano, na medida em que poderia libertar o sujeito do “mundo do trabalho, de necessidades e possibilidades alheias a ele; ficaria livre para e buscar autonomia sobre uma vida que seria sua” idem, ibidem, p. 24). Numa sociedade livre, a ciência e a técnica deixariam de estar a serviço da destruição e da exploração. Todavia, opera o oposto, usa-se a tecnologia para tampar os olhos dos sujeitos para seu reconhecimento como seres alienados com seu “conforto” a tecnologia e assim a sociedade tende a tornar-se totalitária.

Os “totalitários” não apenas uma coordenação política terrorista da sociedade, mas também uma coordenação técnico-econômica não terrorista que opera através da manipulação das necessidades por interesses adquiridos. Impede, assim, o

surgimento de uma oposição eficaz ao todo (Idem, ibidem, p. 25).

Marcuse chama atenção para o fato de sociedades nomeadamente democráticas, também se tornarem totalitárias mediante o uso da tecnologia como ferramenta de dominação. Hoje, a dominação se dá não só pela tecnologia, mas *como* tecnologia. A racionalidade técnica, personificada no aparato produtivo, é um modo de pensar e de comportamento vigente na sociedade industrial, que cega o sujeito a qualquer outro tipo de racionalidade.

A vida melhor é contrabalançada pelo controle total sobre a vida. As pessoas residem em concentrações habitacionais – e possuem automóveis particulares, com os quais já não podem escapar para um mundo diferente. Têm gigantescas geladeiras repletas de alimentos congelados. Têm dúzias de jornais e revistas que esposam os mesmos ideais. Dispõem de inúmeras opções e inúmeros inventos que são todos da mesma espécie, que as mantêm ocupadas e distraem sua atenção do verdadeiro problema – que é a consciência de que poderiam trabalhar menos e determinar suas próprias necessidades e satisfações (MARCUSE, s/d, p. 99).

A verdadeira civilização, uma civilização livre, para Marcuse, se realiza por meio da conciliação da vida humana com Eros, que pode, como visto, ser possibilitada pelo desenvolvimento da tecnologia, quando usada da forma adequada para isso. Sob condições ideais, de automação universal do trabalho e de redução do tempo de trabalho a um mínimo, ela pode libertar-nos da culpa e do medo de nossos impulsos sensuais que o princípio de desempenho incutiu. Pois, ao libertar o homem para a fruição da própria vida, sobraria tempo para realizar o princípio de prazer. Sobraria tempo para, em realidade, desmistificar a satisfação dos impulsos humanos básicos, e realizá-los plenamente. Não definiríamos mais a vida por meio de “coisas” adquiridas, tais como carros e casas - pois isto é característico do princípio de desempenho – mas sim, em função de Eros. A razão tecnológica daria lugar à razão erótica.

Nesta nova razão, a função da razão convergiria com a função da arte. Já que, a arte, foi dada de lado da “razão científica, tecnológica

e operacional” Marcuse, p. 220. Com isso permaneceu livre para ser o seu oposto. Porque, a arte, tem a capacidade de criar o seu universo próprio, fora do contexto da realidade tecnológica e com isso deixa transparecer a verdade. Ainda que, hoje em dia, cada vez mais, a sua verdade tem se mostrado impotente, pela cada vez maior apropriação desta sua capacidade pela indústria cultural e sua consequente inserção no mundo da sociedade administrada. Mas nesta nova razão que Marcuse chama de pós-tecnológica (e eu chamo de razão erótica);

A racionalidade da arte, sua capacidade para “proetar” a existência, para definir possibilidades ainda não realizadas poderia então ser visualizada como *“a dada e a transformação cetero tecnoética e utopismo”*. Em vez de ser a serva do aparato estabelecido, embelezando os seus negócios e a sua miséria, a arte se tornaria uma técnica para destruir esses negócios e essa miséria (Idem, ibidem, p. 220 - 221).

A arte seria uma técnica, mas não uma técnica controlada pela racionalidade tecnológica. A arte seria como um “caminho”, um meio de romper com o trabalho alienado. Por meio desta outra técnica, seria possível chegar ao caminho da “arte da vida”, segundo o filósofo. Numa sociedade pós-industrial, a razão pode realmente tornar-se o que verdadeiramente é; liberdade. Mas para se defender da imagem de uma sociedade livre, investe-se num controle de consciências, mais do que de impulsos, pois, se estes ficam livres, reconhecem a repressão, mesmo tendo garantidas e satisfeitas todas as suas necessidades. Há uma manipulação de consciências “em toda a órbita da civilização industrial contemporânea (MARCUSE, s/d, p. 95). Isto se dá em grande parte pelo controle do tempo livre de cada indivíduo. Como diz Kangussu:

O controle do ócio é realizado pela própria rotina tediosa e fatigante do trabalho alienado. O tempo livre deve, imperiosamente, ser utilizado para recuperação de energias por meio de passivo, às vezes estupefaciente relaxamento. Em outras palavras, o tempo livre é confiscado para ser transformado em anestésico. A indústria cultural, técnica em manipulação de massas, não pode

deixar o indivíduo sozinho (KANGUSSU, 2008, p. 113).

Pois, se deixado sozinho e de posse de uma consciência livre, o indivíduo usaria a sua energia libidinal contra estas limitações externas impostas a ele, esforçando-se “por abranger uma cada vez mais vasta área de relações existenciais, assim arrasando o ego da realidade e seus desempenhos repressivos” (MARCUSE, s/d, p. 60). Portanto, investe-se de forma subliminar no impulso de destruição (impulso de morte) de homens e mulheres. Isto se torna possível por meio da cada vez maior capacidade de manipulação da técnica e seu conseqüente progresso técnico, que aumenta a capacidade de manipular e controlar esse impulso, para satisfazê-lo de forma “produtiva”. Por meio de um estado dominador e que estimula a competição - que faz com que os indivíduos trabalhem uns contra os outros e não conjuntamente - a dessublimação controlada, institucionalizada, tanto dos impulsos de vida quanto dos de morte, impede a conquista da liberdade e a fruição da felicidade. Não há, para Marcuse, felicidade sem liberdade, portanto, enquanto não houver uma mudança no estado de coisas, estaremos todos fadados a infelicidade. Veremos isso melhor no capítulo a seguir.

III. A PROMESSA DE FELICIDADE

*sobre a ciência da arte pode ir a ser o único e o
único que hoje coleta o resíduo com a
esperança do futuro
arcuse*

III.1. PARA ALÉM DO PRINCÍPIO DE DESEMPENHO

Para Freud, a felicidade pode ser caracterizada de duas formas: a ausência de sofrimento e a experiência ativa de sentimentos de prazer. Esta segunda forma se caracteriza, no caso, pela satisfação dos impulsos. Mas são tantas as formas de sofrimento nas sociedades humanas, que na maioria das vezes, a felicidade é somente representada pela ausência de sofrimento, ou desprazer, ou ainda, por ter sobrevivido ao sofrimento. Nestes casos, a satisfação plena dos impulsos de vida quase nunca é vivenciada. Marcuse toma emprestada a ideia de Freud de satisfação dos impulsos de vida como forma de vivenciar a felicidade, mas acrescenta a ela as ideias de liberdade e racionalidade. A felicidade, para Marcuse, não pode estar desvinculada do conhecimento. Nas palavras do autor:

A felicidade não está no mero sentimento de satisfação, mas na realidade concreta de liberdade e satisfação. A felicidade envolve conhecimento: é a prerrogativa do *animus ratio* (MARCUSE, s/d, p. 102).

Mas o conhecimento, nas sociedades industriais, hoje já pós-industriais, é manipulado e condicionado. Os sujeitos não têm real noção do que se passa, não possuem clareza da repressão e exploração que estas sociedades exercem sobre eles. Estão, de fato, anestesiados com a falsa sensação de felicidade que é gerada por esse sistema. Pode-se dizer que em todas as épocas e até mesmo agora – quando a felicidade se encontra mais difusa e distante – que a sensação do sentimento de felicidade sempre passou pelo encontro com a beleza. Buscar a felicidade, sempre foi também, a busca pela beleza, esta sempre esteve presente nos maiores ideais de felicidade. Freud, também,

salientou que a felicidade é frequentemente buscada na fruição da beleza. Nas suas palavras:

Daqui podemos passar à consideração do interessante caso em que a felicidade na vida é predominantemente buscada na fruição da beleza, onde quer que esta se apresente a nossos sentidos e a nosso julgamento - a beleza das formas e a dos gestos humanos, a dos objetos naturais e das paisagens e das criações artísticas e mesmo científicas. A atitude estética em relação ao objetivo da vida oferece muito pouca proteção contra a ameaça do sofrimento, embora possa compensá-lo bastante. A fruição da beleza dispõe de uma qualidade peculiar de sentimento, tenuemente intoxicante. A beleza não conta com um emprego evidente; tampouco existe claramente qualquer necessidade cultural sua. Apesar disso, a civilização não pode dispensá-la (FREUD, 2006, p. 90).

Para Freud, a sensação da beleza é derivada do campo sexual – embora ele admita que a psicanálise pouco teve o que dizer sobre a Beleza⁵³ – “o amor da beleza parece um exemplo perfeito de um impulso inibido em sua finalidade” (Freud, 1906, p. 100). O homem predominantemente erótico, para Freud, daria preferência aos relacionamentos emocionais com outras pessoas. Todavia, o “programa de tornar-se feliz”, nas palavras do autor, do princípio de prazer, não pode ser realizado, já que ocorre a subjugação do princípio de prazer pelo princípio de realidade, como já bem salientado neste trabalho. Pode-se dizer que, em Freud, buscar a felicidade pela beleza, é buscar satisfazer um impulso pela sublimação deste impulso como beleza, ou por assim dizer, um impulso sublimado como beleza, é satisfeito. Desta forma, ainda segundo Freud, o homem primitivo era mais feliz, pois não conhecia as restrições dos impulsos, porém, a vida era muito mais “perigosa”, por assim dizer, no sentido de que o homem vivia em

⁵³ Como ele ressalta ainda na mesma página, p. 100: “Embora a ciência da estética investigue as condições sob as quais as coisas são sentidas como belas, tem sido incapaz de fornecer qualquer explicação a respeito da natureza e da origem da beleza, e, tal como geralmente acontece, esse insucesso vem sendo escamoteado sob um dilúvio de palavras tão pomposas quanto ociosas. A psicanálise, infelizmente, também pouco encontrou a dizer sobre a beleza, embora pareça certo que sua derivação do campo do sentimento se qual”

constante luta pela sobrevivência. Coube ao homem civilizado trocar uma parte de sua felicidade por uma parte de segurança. Para o autor, são imensos sacrifícios que se deve fazer a fim de tornar possível a vida comunitária. A vida civilizada é imposição de frustrações e, mesmo com todo avanço técnico e científico e com todo domínio adquirido sobre a natureza, isso não tornou homens e mulheres mais felizes, ao contrário, o alto grau de desenvolvimento tecnológico gera uma grande ansiedade, pois esse possibilita, de forma eficiente e rápida, o extermínio de toda a vida. De fato, o desenvolvimento da tecnologia, segundo Freud, estimula o impulso de destruição de homens e mulheres. Nas palavras do autor:

A questão fatídica para a espécie humana parece-me ser saber se, e até que ponto, seu desenvolvimento cultural conseguirá dominar a perturbação de sua vida comunal causada pelo impulso⁵⁴ humano de agressão e autodestruição. Talvez, precisamente com relação a isso, a época atual mereça um interesse especial. Os homens adquiriram sobre as forças da natureza um tal controle, que, com sua ajuda, não teriam dificuldades em se exterminarem uns aos outros, até o último homem. Sabem disso, e é daí que provém grande parte de sua atual inquietação, de sua infelicidade e de sua ansiedade (FREUD, 2006 p. 147).

Já Marcuse, salienta que os homens, desde que nascem, aprendem que todo prazer tende a desaparecer rapidamente, ou melhor, que todo prazer é passageiro. Saber disso gera frustração, de tal forma que o próprio prazer acaba por tornar-se doloroso. Assim, o tempo é o melhor aliado do princípio de desempenho, pois gera uma resignação perante o que, se acredita, não pode ser mudado. Esquecer o sofrimento ou as alegrias já passadas torna mais fácil viver sob o princípio de realidade repressivo. Muito embora, a capacidade de esquecer seja essencial à vida humana, esta mesma faculdade gera as condições que reproduzem a submissão. A capacidade de esquecer, para Marcuse, serve à dominação, pois quando se esquece o sofrimento, acaba-se por perdoá-lo⁵⁵. Perdoar

⁵⁴ Na tradução original lê-se: instinto.

⁵⁵ obre isso, nos diz ampos , p “O tempo traz consigo o esquecimento. Certamente que sim. Inúmeras vezes, essa característica do tempo contribui para aliviar sofrimentos, apagando da nossa memória dores e frustrações. Mas nem por isso, adverte

o sofrimento passado é perpetuar as condições que reproduzem a injustiça sem derrotar essas forças. Por isso, salienta o autor, a rememoração (*Erinnerung*) é fundamental para se combater o princípio de desempenho, pois, rememoração é desalienação e Eros, para Marcuse, bem como para Freud, é movido pela rememoração.

Desta forma, Marcuse irá dizer que, por meio da arte é possível rememorar, já que esta tem o potencial de nos aproximar de Eros. Ela possui em si o potencial emancipatório e desalienador. Se toda “reificação e esquecimento” como declara Marcuse⁵⁶, a arte combate a reificação, fazendo mostrar ao mundo a palavra coisificada. É preciso aqui, antes de continuar, deixar claro que, em Marcuse, as palavras reificação e alienação não possuem exatamente o mesmo significado, pois a palavra alienação é usada por ele com duplo sentido: como reificação (no sentido marxista da palavra); e com o sentido de estar alheio, estar de fora de algo. Todavia, esse “estar de fora” pode ser livremente escolhido, como uma forma de contestação do dado, ou pode ser, simplesmente, aceitação passiva da realidade estabelecida e, desta forma, é reificação. Kangussu clarifica bem essa questão,

A alienação pode ser uma salvaguarda para que se mantenha uma distância crítica em relação ao *status quo*, pode ser uma trincheira para os valores superiores’ que não teriam outro lugar. Mesmo considerando seu duplo caráter, i.e., que a arte pode tanto atuar contra a alienação quanto preservá-la, em *Sobre o caráter afirmativo da cultura*’ pode-se perceber que a alienação estética é ainda portadora de uma potência emancipatória, mesmo quando se revela opressiva. A arte pode também contribuir para uma existência alienada de tipo diverso, entendida como um ato de retirada livremente escolhido. Em suma, também a alienação pode ter duplo caráter e apresentar-se, por um lado, como maneira de aceitação passiva do dado e, por outro lado, como ação livremente determinada de entrincheiramento contra esse mesmo dado (KANGUSSU, 2008, 141).

Marcuse, o esquecimento deixa de ser mais um instrumento de dominação. Ao esquecer, o homem submete-se mais facilmente aos imperativos do princípio de realidade e, além disso, ao esquecer perdoa”

⁵⁶ Em *A dimensão estética*, p. 75. Citando Horkheimer e Adorno em *Crítica da razão teórica* (Nova Iorque, Herder and Herder, 1972), p. 230.

Isto se exemplifica quando o filósofo fala em alienação artística e indústria cultural. Como alienação artística, a arte, por mais incorporada que esteja na sociedade instrumental e técnica, preserva seu caráter alienado, ou seja, sua capacidade de distanciamento desta sociedade e com isso abriga a capacidade de negação da mesma. Em “Ideologia da sociedade Industrial”, ele nos diz que é somente na linguagem artística que se pode expressar o protesto contra a dominação (p. 139), no entanto, a indústria cultural, responsável pela propagação em massa de obras de arte e filosofia, faz com que neste processo se perca a qualidade, aquilo que as fazia ser essencialmente diferente do princípio de realidade, o solo de sua função libertadora. A sociedade industrial transforma o caráter alienado da obra de arte em cultura de massa, ou seja, faz com que esta perca, de fato, seu caráter alienado. Uma vez que antes, a arte representava ideias que transcendiam a realidade dada, hoje, ela está integrada a essa realidade, fazendo com que o poder do princípio de desempenho se mantenha garantido. A forma artística acaba por contribuir para a opressão e domesticação das consciências, para a alienação, no sentido marxista do termo, das consciências.

De qualquer forma, pensa Marcuse que, ainda existe a arte autêntica, que não foi incorporada pela indústria cultural, aquela em que o artista se distancia da realidade dada, seja pela forma de protesto ou pela retirada de livre escolha do *status quo*. Esta arte, que ele chama de a “ verdadeira obra de arte” mantém seu caráter de ilusão perante a realidade dada. O filósofo acredita, que chegou a hora da arte tomar o seu lugar na sociedade. Lugar este que é o meio de campo entre este mundo, o mundo do princípio de desempenho, e outro, onde um novo princípio de realidade estará estabelecido. Nas palavras do autor:

Talvez não terá chegado o tempo de liberar a arte de seu confinamento em mera arte, em ilusão? Não terá chegado o momento de unir a dimensão estética e política, de preparar o terreno, no pensamento e na ação, para fazer da sociedade uma obra de arte? (MARCUSE, 1978, p. 251).

Dessa forma, pensa o autor que, por meio da arte é possível revolucionar a realidade, no sentido de transformá-la. E isto se torna possível, por meio do já mencionado alto grau de desenvolvimento e produtividade atingido pela tecnologia, que, apesar do poder de destruição que gerou, e ainda gera, pode ser usada para reduzir as

demandas sociais da energia pulsional que são consumidas em trabalho alienado. Fazendo com que, conseqüentemente, a organização repressiva das pulsões possa deixar de ser necessária. Tornando possível, junto com o poder revolucionário⁵⁷ da arte, outro princípio de realidade, diferente do princípio de desempenho.

Percebe-se, desta forma, que a arte, para Marcuse, por mais que seja ilusão, possui a capacidade – quando não totalmente absorvida pela indústria cultural – de expressar os anseios mais profundamente escondidos dos seres humanos. Essa arte, que ainda é realizada, segundo ele, revela o princípio de realidade. Como diz o filósofo:

Os grupos e os ideais grupais, as filosofias, as obras de arte e literatura que ainda expressam, sem transigências, os temores e esperanças da humanidade, situam-se contra o princípio de realidade predominante; constituem a sua absoluta denúncia (MARCUSE, s/d, p. 102).

Numa sociedade em que apenas uma pequena parcela da população usufrui da possibilidade de se ocupar daquilo que vai além da conquista e garantia de necessidades vitais, a dominação, sob a forma de mercadoria, renova continuamente a miséria desta mesma sociedade. E sendo assim, a felicidade não tem lugar, ou pelo menos não tem lugar na vida da maioria, pois esta maioria se contenta com a ausência ou superação do sofrimento e isto, segundo o autor, não é felicidade. Na sua perspectiva, ser feliz não é, simplesmente, não sofrer. Ser feliz abarca outra forma de trabalho, outra forma de relações de trabalho, outra forma de lidar com as relações materiais de existência; e o prazer, teria que ser plenamente sentido e não ser confundido com a ausência de sofrimento. O prazer, pelo prazer, não seria condenado e sim estimulado.

Numa sociedade que se reproduz por meio da concorrência econômica, a simples exigência de uma existência feliz do todo já representa uma

⁵⁷ Penso ser interessante citar aqui a consideração que faz Ricardo Terra (2008, p. 157) sobre revolução em Marcuse “Marcuse le a o paradigma da revolução a seu limite, que procura pensar os movimentos sociais, culturais e artísticos de seu tempo, mas acaba com isso por deixar clara, contra a sua vontade, a insuficiência desse mesmo paradigma, visto que não consegue apreender alguns aspectos fundamentais daqueles movimentos – em grande parte em virtude de seu déficit democrático e da incompreensão do estatuto das conquistas jurídicas efetuadas pelas lutas emancipatórias que sempre se vincularam ao socialismo democrático”

rebelião: remeter os homens à fruição da felicidade terrena significa certamente não remetê-los ao trabalho na produção, ao lucro, à autoridade daquelas forças econômicas que preservam a vida desse todo. (MARCUSE, 2006, p. 100).

Reafirma-se, com isso, a perspectiva marcuseana: reside na arte a possibilidade de libertação deste mundo inibidor de nosso impulso de vida. Na arte a sociedade tolera a realização efetiva de um ideal que, na “realidade dos fatos considerado utopia, fantasia, rebelião” dem, ibidem, p. 113). Na arte se revelam as verdades preservadas pela imaginação, embora, adverte o autor, a imaginação também não permanece imune ao processo de reificação. Os meios de comunicação em massa auxiliados pela indústria cultural regulam a imaginação de homens e mulheres para o mercado, conforme evidenciado pelo seu comportamento consumidor. Há uma moralidade introjetada como norma no comportamento social, que recria padrões de comportamento como sendo necessidades biológicas, que são, na verdade, necessidades de consumo. A energia libidinal é manipulada pelo mercado, por meio de uma vasta gama de “pseudo-satisfações”⁵⁸, que impedem a real libertação. Aqui, volto a lembrar a questão do esquecimento e da rememoração, já mencionada. A moralidade introjetada faz parte, também, do processo de esquecimento de injustiças cometidas, assim como faz parte da mais-repressão imposta ao impulso de vida. Essa restrição pulsional, argumenta Marcuse, teria surgido a partir de carências biológicas, mas com o passar do tempo tornou-se característica distintiva do gênero humano, transformando pseudo-necessidades em necessidades efetivas.

Uma repressão necessária, básica, devido à carência e à escassez de condições materiais de vida, como foi no princípio da vida humana, do homem primitivo, se justificava. Contudo, numa sociedade já avançada em condições materiais e intelectuais de subsistência, a repressão da energia erótica imposta é desnecessária, só podendo ser entendida como mais-repressão. Desta forma, a transformação social necessária para modificar o princípio de desempenho passa por uma transformação de consciência, pois, mesmo tendo alcançado as condições materiais necessárias, a humanidade não se libertou do primado do princípio de desempenho. É preciso haver uma mudança na

⁵⁸ Expressão usada por Kangussu, 2008, p. 184

percepção do mundo, uma mudança no que se considera necessário à vida, para se tornarem libertos. É preciso, primeiramente, que homens e mulheres tenham necessidade de serem livres. E, isto, cada vez mais o avanço do capitalismo tem conseguido suprimir. A manipulação de consciências conquistada pelo capitalismo é tamanha, que até mesmo atividades historicamente consideradas revolucionárias, como a arte e a filosofia são incorporadas pelo *status quo*. Resta, assim, saber, se: “um estado de civilização pode ser razoavelmente preconizado, no qual as necessidades humanas sejam cumpridas de modo tal e em tal medida que a mais-repressão possa ser eliminada” Marcuse, s.d., p. ?

Em certo sentido, o filósofo vê nas conquistas materiais já alcançadas e no desenvolvimento da ciência e da técnica o caminho para a eliminação da mais-repressão, pois essas podem ser utilizadas de forma a eliminar a miséria totalmente. Mas, para isso, é preciso que se tenha consciência da necessidade de libertação. Quando a mudança social se tornar uma necessidade individual, uma nova sensibilidade, nas palavras do autor, seria gerada. Uma sensibilidade onde os impulsos de vida prevaleceriam sobre a agressividade e a culpa, libertando a humanidade de uma experiência mutilada do mundo. Para esta mudança qualitativa de experiência e visão de mundo, Marcuse sugere que relações estéticas devem prevalecer. Uma forma estética da sociedade, que pode aflorar, porque justamente os avanços da ciência e da técnica, juntamente com uma consciência livre e o consequente desenvolvimento intelectual e material, resolveriam o problema da miséria de forma global. Ao invés do uso destrutivo da ciência e da técnica, o uso das mesmas para libertar o homem das amarras de uma sociedade não-livre e deixá-lo gozar de sua sensibilidade. Assim, a oposição entre imaginação e razão, entre arte e ciência seriam invalidadas.

Um universo de relações humanas que não é mais mediado pelo mercado, que não é mais baseado na exploração competitiva ou no terror, exige uma sensibilidade livre das satisfações repressivas existentes nas sociedades não livres; uma sensibilidade receptiva a formas e modos de realidade que até o momento têm sido projetados apenas pela imaginação estética. Pois as necessidades estéticas têm seu próprio conteúdo social: elas consistem em reivindicações do organismo, da mente e do corpo humano por uma dimensão de plenitude que pode ser criada apenas

pela luta contra as instituições, que, devido ao seu próprio funcionamento, negam e violam estas mesmas reivindicações. (MARCUSE, 1969, p. 27).⁵⁹

O que Marcuse defende em suas obras é de que a liberdade ingresse no reino da necessidade e, para tanto, é preciso que homens e mulheres se dêem conta da necessidade de libertação. Tendo-se dado conta disso, o mundo seria transformado e uma sensibilidade estética transpareceria, fazendo com que faculdades e desejos humanos se equiparassem a outras necessidades humanas básicas. A liberdade se apresenta, primeiramente, como negação do mundo dado e necessidade de compreensão deste mesmo mundo. O universo estético é o mundo da vida, ou o que Marcuse chama de *liberdade*.⁶⁰ É deste conceito que dependem as necessidades e as faculdades de liberdade para tornarem-se livres. Quando isto acontecer, defende Marcuse, um novo princípio de realidade despontaria, no qual “uma nova sensibilidade e uma inteligência científica dessublimada se combinariam na criação de um *ethos* estético” M..., p...⁶⁰ Na obra “*Essay on Liberation*”, o filósofo defende que o termo estético, que tem duplo sentido, como pertencente aos sentidos e pertencente à arte, serve bem para designar a qualidade do processo criativo-produtivo (*productive-creative process*) num ambiente de liberdade.

Para ele, a “mola propulsora” para essa transformação social é a arte. “A arte seria um fator para modelar a qualidade e a aparência da realidade, recuperando sua conotação técnica original - *techne* - como arte de produzir e preparar as coisas” (KANGUSSU, 2008, p. 208). Lembrando que a arte não é vista por Marcuse como arte engajada, política. De fato, a arte, para ele não podia ser política, ele recusava essa forma de apropriação da arte, pois ela devia permanecer com uma verdade própria, pela qual, somente ela se torna o caminho para uma sociedade livre. Por meio da arte pode surgir um novo indivíduo. Um

⁵⁹ Tradução minha do original: “A universe of human relationships no longer mediated by the market, no longer based on competitive exploitation or terror, demands a sensitivity freed from the repressive satisfactions of the unfree societies; a sensitivity receptive to forms and modes of reality which thus far have been projected only by the aesthetic imagination. For the aesthetic needs have their own social content: they are the claims of the human organism, mind and body, for a dimension of fulfillment which can be created only in the struggle against the institutions which, by their very functioning, deny and violate these claims” M..., 1969, p.27).

⁶⁰ Tradução minha do original “... a new sensibility and a dessublimated scientific intelligence would combine in the creation of an *aesthetic ethos*” idem, ibidem, p...

indivíduo que se recuse a cooperar com a dominação. Um indivíduo que se recuse a manter o *status quo*, que se recuse a manter os valores de servidão e exploração. Este é o verdadeiro imperativo da liberdade, imperativo este que tem sido reprimido em toda história humana.

O problema é que o estado de coisas transforma a arte em mera ficção, reprimindo a sensibilidade, mantendo a experiência da vida mutilada “m ez de tornar-se técnica de reconstrução do real, a arte assumiu um caráter afirmativo e transformou-se em instrumento de sublimação repressiva” (Marcuse, 2008, p. 217). Se a técnica assumisse as feições da arte, esta traduziria de forma objetiva, ou, por assim dizer, na realidade, a sensibilidade subjetiva. Mulheres e homens não precisariam ter vergonha de si mesmos, porque teriam superado a sensação de culpa, imposta de forma subconsciente pelo princípio de realidade repressivo sobre os impulsos de vida. Para tanto, é preciso resgatar o caráter negativo da arte, a arte como negação do real. Percebe-se que, em suas obras, Marcuse tende sempre a ter duas visões bem opostas de arte: a arte como capacidade de reconciliar os sujeitos ao real, amortecer sensações de revolta; e a arte negativa que se opõe a realidade dada. É nesta segunda opção que reside a possibilidade de libertação. A arte negativa escapa do caráter afirmativo que se apoderou da forma artística em nossa época. A arte como negação da realidade, provoca a rememoração da liberdade, já que, desta forma, ela consegue se manter alienada, por assim dizer, da realidade alienada, ela é alienação da alienação. No entanto, os esforços feitos para reduzir a distância entre arte e realidade, nas sociedades da cultura afirmativa, fazem desaparecer esta segunda alienação, fazendo com que a arte perca seu caráter de transcendência e rememoração, reduzindo-a a unidimensionalidade. É isso que torna mais distante a possibilidade de uma sociedade emancipada, livre.

Numa sociedade livre, qualitativamente diferente, haveria uma mudança no que se considera necessário à vida, haveria uma mudança na estrutura pulsional, uma mudança caracterizada pela vitória dos impulsos de vida sobre as pulsões destrutivas. Nesta sociedade, marcada pela liberdade, o trabalho não seria uma obrigação desprazerosa, mas uma livre realização de necessidades, já que, como afirmado antes, Marcuse não renega a necessidade do trabalho nas sociedades, mas o vê por outro prisma: uma forma de realização, de prazer, e não um “mal necessário”. Este trabalho, que não seria caracterizado pela exploração, aumentaria a riqueza social e reduziria a necessidade de negação das satisfações pulsionais. Como diz o filósofo:

a redefinição do trabalho como livre realização das necessidades e das disposições dos homens pressupõem, não apenas instituições essencialmente diferentes, mas também homens essencialmente diferentes – homens que já não precisam ganhar o seu pão com o trabalho alienado (MARCUSE, 2010, p. 163).

Para estes “no os homens” uma no a realidade despontaria, uma realidade onde o princípio de realidade não seria o princípio de desempenho, onde ros daria o “tom” das no as relações humanas. Isto é possível pelo desenvolvimento técnico-científico alcançado, que permite estas novas relações permeadas por Eros, faltando, no entanto, para que isso aconteça, aquela mudança de consciência mencionada, que permitirá o surgimento de um novo sujeito histórico. Visto que existem as condições materiais para isso, resta a humanidade se libertar das amarras do princípio de desempenho. A humanidade precisa se dar conta da necessidade de ser livre para que a liberdade efetivamente aconteça. Feito isto, o mundo se tornaria efetivamente erótico. Este é o mundo idealizado por Marcuse, que, para ele, pode ser concretizado, vamos então entendê-lo melhor.

III.2. O MUNDO ERÓTICO: O mundo sensível

No mundo “ideal”, imaginado por Marcuse, o conflito entre os interesses particulares dos indivíduos e a universalidade seria superado, razão, liberdade e felicidade se identificariam. Já que, para o autor, o indivíduo só é feliz quando é livre e só é livre quando usa plenamente sua racionalidade. Nesse mundo “ideal”, uma nova sensibilidade (*iñch[eit]*) seria estabelecida, uma sensibilidade capaz de perceber a liberdade como uma necessidade humana básica e que iria contra a racionalidade instrumental hoje vigente. Nesse mundo ideal, o homem seria predominantemente erótico e a beleza seria recorrente. A fruição do belo não ficaria restrita a uma elite, como acontece nas sociedades burguesas. Ainda que hoje se tenha mais acesso às obras de arte, a real compreensão e fruição delas só se torna possível quando acompanhada de reflexão (conhecimento) e isto ainda é negado a maioria da população. Como argumenta Marcuse:

A qualidade sensorial (*siñch[eit]*) imediata da beleza remete imediatamente à felicidade no plano dos sentidos. [...] Nisto reside seu perigo em uma sociedade que precisa racionar e controlar a felicidade. A beleza é propriamente desavergonhada: ela apresenta à vista o que não pode ser prometido abertamente e o que é negado à maioria (MARCUSE, 2006, p. 114).

Dito de outra maneira, a beleza é perigosa ao sistema, pois ela proporciona aos sujeitos a sensação de felicidade, quando não da plena felicidade. O que se torna perigoso, numa sociedade que se mantém tolhendo esta mesma felicidade. A sociedade burguesa libertou os indivíduos⁶¹, por assim dizer, mas de forma controlada, ou melhor, criou uma falsa sensação de liberdade, pois paira no ar uma ideia de liberdade

⁶¹ Libertou no sentido de que acabou com a sociedade escravocrata e monárquica, aboliu a servidão e os direitos feudais. Digo, mais precisamente, do período que tem início com a revolução Francesa (1789- 1799) que, influenciada pelo iluminismo declarou os “princípios universais” de liberdade, igualdade e fraternidade, que em teoria, deveria valer para todos os cidadãos, mas que na prática só serviu para classe burguesa acender ao poder no lugar da antiga monarquia. Esta revolução criou uma falsa sensação de igualdade e liberdade que na verdade nunca existiu e ainda não existe. É a esta falsa liberdade que me refiro.

abstrata, que, justamente, causa a dependência dos sujeitos, no sentido de que o sujeito acha que é livre, mas na verdade não é. Ao contrário da época escravocrata, em que o indivíduo escravo tinha real noção de sua escravidão, hoje ludibriado por enorme oferta de produtos à disposição, o sujeito acha que é livre, mas está apenas corroborando a ideologia do princípio de desempenho, “trabalhar para poder comprar” esta forma, a venda da força de trabalho parece partir de uma decisão do próprio sujeito. Nesta sociedade, a felicidade também é abstrata, trabalha-se a maior parte do dia e da noite “fritil” para desfrutar, quando muito, de uma vida “calma” e com alguns benefícios materiais, tais como a casa própria, carro, eletroeletrônicos, etc. No mundo da cultura afirmativa, o único “lugar” onde se pode vislumbrar a real felicidade é na arte. Pois, a arte é compatível com o “mau presente”⁶², na medida em que pode proporcionar felicidade nesse plano, embora seja, “nesse plano”, somente passageira. A arte, no mundo da cultura afirmativa, se torna um consolo, por assim dizer, já que esse mundo é de infelicidade, o consolo de um instante de beleza no decorrer interminável da infelicidade. Ela é passageira porque esdura o tempo do “espetáculo”; de fato, a cultura afirmativa eterniza o que é passageiro. Como reflete Marcuse:

O prazer da felicidade é confinado no instante do episódio. Mas o instante contém em si a amargura de seu desaparecimento. E no isolamento dos indivíduos solitários não existe ninguém com quem a felicidade própria estaria preservada após o desaparecimento do instante, ninguém que não fosse vítima da mesma solidão. O efêmero que não deixa atrás de si uma solidariedade dos sobreviventes necessita ser eternizado para poder ser suportado, pois se repete em cada instante da existência e antecipa a morte também em cada instante. Uma vez que cada instante porta em si a morte, o instante belo precisa ser perpetuado como tal, para tornar possível algo como a felicidade. A cultura afirmativa eterniza o instante belo na felicidade que ela proporciona, ela eterniza o efêmero (MARCUSE, 2006, p. 117).

⁶² expressão de Marcuse em “ sobre o caráter afirmativo da cultura”, p

Isto se dá porque justamente a arte possui o caráter de aparência (Schein) e a aparência sempre deixa aparecer algo, neste caso, o vislumbre de felicidade. Quando se contempla a beleza por meio da obra de arte, sente-se felicidade, e esta sensação pode sempre ser repetida quando se aprecia novamente uma obra de arte, ou por assim dizer, se pode sempre gozar desta felicidade na fruição da arte. Marcuse salienta que isso pode acarretar dois desdobramentos; a revolta – a vontade de sentir a felicidade de forma completa na vida e não somente por um instante, ou, pode justamente pacificar esse sentimento de revolta contra o estado de coisas estabelecido, o que, na maioria das vezes, tem acontecido, e com isso acaba por contribuir para o grande objetivo da cultura afirmativa: disciplinar o sujeito de forma a tornar tolerável a falta de liberdade em sua existência. A arte, desta forma, possui um “papel” de protagonista no objetivo da sociedade afirmativa: o de “apaziguar” consciências, justamente por sua capacidade de produzir catarse. A catarse é com tamanha eficácia apropriada por esta sociedade, que seria a maior “ferramenta” de libertação contra o *status quo* é por ele absorvido e justamente usado a seu favor. A cultura afirmativa faz a homens e mulheres sentirem-se felizes quando efetivamente não o são.

Todavia, aponta o autor, mesmo ela sendo usada com esta intenção pelos grupos dominantes da sociedade, ela é também um dos poucos recursos que restam às pessoas para superar, revolucionar esta mesma sociedade. Isto porque, para ele, a leveza e frivolidade lúdicas proporcionadas pela obra de arte, indicam com antecedência a alegria e a liberdade que homens e mulheres podem atingir quando romperem o vínculo com a cultura afirmativa. Assim:

Quando se supera o vínculo com o ideal afirmativo, quando existe fruição sem qualquer racionalização e sem o mais leve sentimento de culpa puritano no plano de uma existência provida de sabedoria, quando os sentidos se libertam inteiramente da alma, então surge a primeira luz de uma outra cultura (MARCUSE, 2006, p. 115).

E ainda:

⁶³ Schein em alemão significa tanto aparência, quanto ilusão. Que se traduzirmos de forma estritamente literal seria “brilho”, de brilhar (scheinen).

O indivíduo frui a beleza, a bondade, o brilho e a paz, a alegria vitoriosa; até mesmo a dor e o sofrimento, a crueldade e o crime. Vivencia uma libertação. Compreende e encontra compreensão, resposta a seus impulsos⁶⁴ e demandas. Ocorre um rompimento privado da reificação. Na arte não há precisão de ser realista: nela o importante é o homem e não sua profissão ou posição. O sofrimento é sofrimento, e a alegria, alegria. O mundo reaparece como aquilo que é por trás da forma da mercadoria: uma paisagem efetivamente é uma paisagem, um homem, efetivamente um homem e uma coisa, efetivamente uma coisa. (Idem, *ibidem*, p. 119)

Retomemos, então, o que faz Marcuse acreditar, na força revolucionária da arte: o seu caráter de fantasia. Freud, já havia percebido que a fantasia e, conseqüentemente, a arte, está intimamente ligada com o princípio de prazer. A arte, para Freud, provoca emoções reais, mas que, permanecem reduzidas ao momento do “espet culo”, nem por isso deixam de apaziguar os desejos não concretizados no mundo “real”, cotidiano “ elemento er tico na fantasia isa gratificação das puls es, sem repressão”

Marcuse redescobre, por assim dizer, o elo entre a fantasia e Eros. De fato, ele toma emprestado de Freud, todavia, sem dar tanta ênfase ao caráter sexual, Marcuse retoma a ideia de Eros como um impulso de preservação da vida e nisso a imaginação tem papel predominante, pois ela reconcilia interesses particulares dos indivíduos, com os interesses universais do gênero humano.⁶⁵

Desde o surgimento de civilizações o indivíduo passa a viver em conflito com a esfera coletiva. Isto acontece porque a história do progresso humano é um conflito do indivíduo como um organismo particular e como membro do gênero, pois aquilo que é bom para a

⁶⁴ Na tradução original lê-se: instintos.

⁶⁵ Sobre isso argumenta Kangussu (2008, p 144- “Eros é ligado à dimensão sensível e à sensualidade, mas sem estar restrito a esse domínio e menos ainda à sexualidade genital. Considerando que a razão, ou a racionalidade, se encontra no impulso da energia erótica voltado a deter a destruição e a preservar a vida, para o filósofo, Razão é proteger a vida, e isso, o próprio Freud percebeu estar inscrito na estrutura pulsional – na medida em que Eros é idêntico aos impulsos que tendem a colocar freio na energia destrutiva. A imagem de outra forma de realidade, expressa na união de Eros e Imaginação, transcende a oposição do particular e universal e pertence à humanidade para além do *TriCiUm i di iduatio is*” .

espécie, nem sempre é para o sujeito. Assim, a imaginação visa reconciliar o indivíduo com o todo, já que, ela guarda a lembrança de quando o indivíduo se via como parte do coletivo e, assim, pode reconciliá-lo com o todo, pode reconciliar desejo e razão.

A fantasia se revela ao mundo por meio da arte e, desta forma, por meio da arte se revela ao mundo também a beleza. Eros está intimamente ligado à beleza, pois ele ama o Belo. Marcuse busca resgatar a origem erótica da civilização, que Platão, já havia traçado, quando ao falar de Eros, coloca-o como central no movimento de ascensão ao mundo das idéias. Quando alguém vê a beleza, recorda-se da beleza verdadeira, que está no mundo das Ideias, e, da qual fazia parte antes de sua existência temporal, terrena. A visão da beleza faz os sujeitos rememorarem o mundo das ideias.

Para Marcuse, o que é central nas estéticas clássicas (e que ele busca regatar) é a união de sensibilidade e racionalidade, ou, princípio de prazer e princípio de realidade. O filósofo resgata esta idéia para mostrar que é possível uma sociedade livre e racional, uma união de Eros com Logos. Por isso, reflete que a beleza é uma promessa de felicidade, já que, por meio da visão do belo, é possível vislumbrar outra realidade, que não seja nem mutilada, nem falsa.

O autor pensa ser possível a mulheres e homens viverem de forma plena, sem exploração, nem repressão. É possível libertar-se da sociedade de consumo e isto “não significa oltar pobreza saud el e robusta, à limpeza moral e simplicidade” M , p , ao contrário, eliminando-se o desperdício lucrativo, aumentar-se-ia a riqueza social disponível para distribuição e reduzir-se-ia a necessidade social de negação das pulsões. Assim, uma realidade mediada pela dimensão estética se apresenta como a forma possível de uma sociedade livre. Nisso a beleza se faz responsável por romper a realidade cotidiana e deixar aparecer esta outra realidade livre. Segundo o autor:

Ao falar de uma bela moça, de uma bela paisagem, de um belo quadro, por certo tenho em mente coisas diferentes. O que é comum a todas essas coisas – “beleza” – não é nem uma entidade misteriosa nem uma palavra misteriosa. Pelo contrário, nada é, talvez, mais direta e claramente e perimentado do ue a aparência de “beleza” em diversos objetos bonitos. O amiguinho e o filósofo, o artista e o agente funerário podem “defini-la” de modos muito diferentes, mas todos

definem o mesmo estado ou condição específicos – alguma qualidade ou qualidades que formam o *co-traste* bonito com outros objetos. Nessa imprecisão e objetividade, a beleza é experimentada *o* belo – isto é, ela é vista, ouvida, cheirada, tocada, sentida, compreendida. É experimentada quase como um choque, talvez em razão do caráter de contraste da beleza, que rompe o círculo da experiência cotidiana e abre (por alguns instantes) outra realidade (da qual o susto pode ser um elemento integrante) (MARCUSE, 1978, p. 197).

Desta maneira, a beleza é um universal⁶⁶ que, no entanto, o pensamento positivista e unidimensional de nossa sociedade busca obscurecer com definições técnicas de beleza. Para o autor, a única definição realmente válida de beleza é a de beleza como promessa de felicidade, que, quando “presenciada”, logo se dissipa, porém, deixando à mostra a possibilidade do que poderia ser, pois ao avistarmos um “objeto” belo nos pomos em contato com o “conceito de beleza que compreende toda beleza ainda não realizada” (idem, *ibidem*, p. 200).

No entanto, este universal de beleza para Marcuse é um universal que só se realiza historicamente. De fato, é a tensão universal-particular que permanece inalterada e, com isto, “nem o mais refinado senso estético nem o conceito filosófico mais elaborado são imunes à história” (MARCUSE, 1978, p. 202). Por isso, é possível transformar-se a realidade: “o mundo da experiência imediata - o mundo em que nos encontramos vivendo – deve ser compreendido, transformado e até subvertido para se tornar aquilo que verdadeiramente ” (idem, *ibidem*, p. 125).

Freud também já havia percebido a importância da beleza para a civilização humana. Para ele, pode-se perceber quando os países atingem alto nível de civilização, quando estes têm à sua disposição todas as ferramentas necessárias para exploração e dominação da natureza, tais como a irrigação e cultivo do solo, a domesticação de animais, etc., e, quando há uma preocupação com a beleza, no sentido

⁶⁶ Universal, não como um conceito filosófico, mas como uma qualidade fundamental do mundo. Vivenciado na realidade cotidiana não de forma universal, mas na forma de seu correlato concreto. Por exemplo, a beleza de um rapaz, ele pode ser belo, mas não “o belo em si”, bem como ser livre condição de liberdade, mas não a liberdade em si, no entanto na beleza de alguém ou de algo e no fato de estar livre e não “preso”, por exemplo, que experimentamos os conceitos universais de beleza e liberdade (MARCUSE, 1978).

de que sentem necessidade de tornar mais belo o lugar em que se vive. Como diz Freud:

(...) verificar que as pessoas também orientam suas preocupações para aquilo que não possui qualquer valor prático, para o que não é lucrativo: por exemplo, os espaços verdes necessários a uma cidade, como *parques* e reservatórios de ar fresco, são também ornados de jardins e as janelas das casas, decoradas com vasos de flores. De imediato, constatamos que essa coisa não lucrativa que esperamos que a civilização valorize, é a beleza (FREUD, 2006, p. 99).

Freud argumentava que, mesmo as sociedades tendo atingido um alto nível de civilização, devido ao progresso extraordinário da ciência e da técnica, exercendo um controle sobre a natureza de maneira jamais imaginada, isso “não aumentou a quantidade de satisfação prazerosa que poderiam esperar da vida e não os tornou mais felizes” (idem, *ibidem*, p. 94). Marcuse compartilha desta argumentação de Freud; para ele, o avanço técnico, por mais conforto que tenha fornecido e fornece a homens e mulheres, não sacia a necessidade erótica, e sim é usado de forma tal, que reprime ainda mais essa necessidade e, ao reprimi-la, só contribui para a nossa infelicidade. Todavia, como visto, o desenvolvimento tecnológico é necessário para que os sujeitos tenham condições de se libertar do trabalho alienado e, conseqüentemente, possam usufruir de uma existência estética.

Entretanto, a *civilização* *é* como Marcuse sempre repete, que floresce na sociedade unidimensional, fornece uma falsa sensação de bem-estar, ao proporcionar uma infinidade de mercadorias e produtos da indústria cultural e ao fornecer a liberação sexual e o lazer marcados por atividades que nos manipulam a inteligência, fazendo-nos aceitar as mazelas da sociedade estabelecida como naturais “repressão não identificada enquanto tal e a anestesia e o conformismo são mesmo percebidos como felicidade” (M..., p...). Freud já havia salientado também, que o progresso técnico não tem valor “para a economia de nossa felicidade” (idem, *ibidem*, p..., na verdade, para ele, “a felicidade algo essencialmente sub etico” (idem, *ibidem* p...). Freud, de fato, defendia que os seres humanos eram mais felizes antes do estado civilizado, todavia, como já bem salientado nesta dissertação, foi necessária essa troca de felicidade por segurança, não havendo

como, segundo ele, ter se dado de outra forma. No entanto, ele afirma que, se a felicidade é essencialmente subjetiva, ela tem algo a ver com o amor.

É que nunca nos achamos tão indefesos contra o sofrimento como quando amamos, nunca tão desamparadamente infelizes como quando perdemos o nosso objeto amado ou o seu amor. Isso, porém, não liquida com a técnica de viver baseada no valor do amor como um meio de obter felicidade (FREUD, 2006, p. 90).

Retornamos aqui a Eros. Todo avanço tecnológico não satisfaz a busca, que nos é inerente, pelo o amor. Fosse para se chegar à beleza ideal (Platão), a um conceito universal (Kant), ou ao Saber Absoluto (Hegel); o amor é a sensação que todos buscam e que a todos faz sofrer quando da falta dele. Para Freud, que a tudo dava conotação sexual, genital, era a descoberta do amor genital que proporcionava ao homem as mais intensas e peritências de prazer, “fornecendo-lhe, na realidade, o protótipo de toda felicidade” dem, *ibidem*, p . Assim, o amor tornava o sujeito dependente do objeto amoroso escolhido, o que o expunha à grande sofrimento, no caso de perda ou rejeição deste objeto.

s pessoas dão o nome de amor’ ao relacionamento entre um homem e uma mulher cujas necessidades genitais os levaram a fundar uma família; também dão esse nome aos sentimentos positivos existentes entre pais e filhos, e entre os irmãos e irmãs de uma família, embora □□ sejamos obrigados a descrever isso como amor inibido em sua finalidade’ ou afeição’. O amor com uma finalidade inibida foi de fato, originalmente, amor plenamente sensual, e ainda o é no inconsciente do homem. Ambos – o amor plenamente sensual e o amor inibido em sua finalidade - estendem-se exteriormente à família e criam novos vínculos com pessoas anteriormente estranhas. O amor genital conduz à formação de novas famílias, e o amor inibido em sua finalidade, a amizades’ ue se tornam aliosas, de um ponto de vista cultural, por fugirem a algumas das limitações do amor genital, como, por exemplo, à sua exclusividade. No decurso do

desenvolvimento, porém, a relação do amor com a civilização perde sua falta de ambigüidade. Por um lado, o amor se coloca em oposição aos interesses da civilização; por outro, esta ameaça o amor com restrições substanciais (FREUD, 2006, p. 108).

Penso que, para Marcuse, essa transformação de “amor plenamente sensual” em “amor romântico”, por assim dizer, também decorrente da época da cultura burguesa, que, para ele, é a época da “cultura da alma”, no sentido de que é uma cultura que se contrapõe à tudo aquilo que podemos chamar de espírito (*Geist*)⁶⁷. A alma, como uma faculdade não corporal do homem, constitui a individualidade do indivíduo, como existência interior e distinta do mundo real. Assim, alma “a única ainda imaculada garantia dos ideais burgueses. A alma glorifica a resignação momentaneamente da alma pura pode partir a salvação” (MARCUSE, 2006, p. 108).

As alegrias da alma são menos custosas do que as do corpo: são menos perigosas e concedidas de bom grado. Uma diferença essencial entre a alma e o espírito está em não ser direcionada ao conhecimento crítico da verdade. Onde o espírito precisa condenar, a alma ainda pode compreender (Idem, *ibidem*, p. 111).

Há, na cultura afirmativa, uma “subordinação dos sentidos dominação da alma” (idem, *ibidem*, p. 111) e desta relação de subordinação se origina a ideia de amor burguês. O filósofo alerta para a perigosa ameaça de o amor, entendido desta forma, se converter em obrigação e hábito, porque esta visão de amor, para ele, é impregnada do princípio de individuação (*Prinzipium der Individualität*). Este princípio é característico da sociedade burguesa e submete o amor a relações individualistas, na medida em que exige exclusividade. Nas palavras do filósofo:

⁶⁷ *Geist*, em alemão possui um significado maior do que espírito, principalmente na filosofia idealista alemã. Pode-se dizer que *Geist* se refere a formação plena do ser humano, que engloba: formação religiosa, cultural, moral e intelectual.

O amor contém em si o princípio individualista da nova sociedade: ele exige exclusividade. Uma tal exclusividade aparece na exigência da fidelidade incondicional, que a partir da alma deve também tornar-se obrigatória para os sentidos (*Ichheit*) (idem, *ibidem*, p 111).

Nas sociedades burguesas o amor é consentido, por assim dizer, mas ele muda de caráter, se torna superficial, bem como a felicidade, já que não há como separar uma coisa da outra. Por isso, numa sociedade que necessita controlar e podar a felicidade, o amor também é controlado e podado. A liberação sexual, em certa medida, só serviu para camuflar, ou melhor, confundir ainda mais estes sentimentos e eles acabam por se encontrar reificados na cultura afirmativa. Mas no mundo ideal, imaginado por Marcuse, um mundo de uma sociedade erótica, estes sentimentos poderiam ser sentidos de forma plena e não reificados, nem mutilados. No mundo ideal imaginado por Marcuse, a realidade seria artística, ou para usar as suas palavras a realidade seria “como uma obra de arte”⁶⁸ e a vida fluiria dos impulsos livres.

⁶⁸ Já citado anteriormente.

CONCLUSÃO

As reflexões estéticas de Marcuse, espalhadas por toda sua obra, sempre se articulam em volta da utopia de uma civilização não repressiva - que para ele se torna possível pelo salto tecnológico em direção a total automatização da sociedade – onde a beleza seria o *ethos*, o trabalho seria um jogo e o impulso de vida estaria liberto da submissão ao princípio de desempenho. De fato, não há como pensar a estética conforme Marcuse sem associá-la à um “pro eto pol tico” de sociedade, no sentido de que todas as suas reflexões estéticas estão sempre em volta de uma realidade utópica de um universo estético e de como isso poderia acontecer. Chega a ser exaustivo e repetitivo a forma como ele aborda essa questão em várias de suas obras.

No primeiro capítulo, foi apresentado Eros e sua já clássica relação com a ideia de amor e beleza, para juntá-lo com a descrição de Freud sobre Eros como manifestação do impulso de vida, do qual, Marcuse se apropria e “este-a” com uma conotação pol tico-histórica. Desta forma, sugere o autor, que o princípio de desempenho responsável por controlar nosso impulso de vida na época burguesa, pode ser transformado para outro princípio de realidade, que não necessite subjugar os sentidos à razão. A imaginação, ou fantasia, considera Marcuse, pode fazer isso, pois ela pode reconciliar nas mulheres e nos homens desejo e razão. A imaginação está livre da realidade dada, por isso pode satisfazer nossos impulsos sem repressão e, ela faz isso por meio da arte, já que a arte, de fato, está fundada na fantasia. A fantasia está diretamente ligada ao princípio de prazer, não sucumbiu, ou pelo menos não ainda, ao julgo do princípio de desempenho. Na fantasia, a “realidade” é erótica, satisfazendo nossa pulsão de vida, e a arte é a manifestação da fantasia na existência concreta. Na forma artística Marcuse vislumbra o futuro, um futuro onde a pulsão de vida não se submeterá as pressões do princípio de realidade, onde os seres humanos resgatarão sua essência erótica.

O filósofo deixa claro, em suas obras, o caráter subversivo da arte nas sociedades industriais. Deixa claro a capacidade da arte de, pela sua forma alienada, de poder ser o estopim de uma revolução social. No entanto, deixa claro também que, isto pode não acontecer. Segundo ele, o crescente desenvolvimento da tecnologia, pode libertar os seres humanos de sua condição de servidão de um sistema de dominação

social baseado na subjugação dos impulsos humanos e na exploração da infelicidade, no entanto, isto também pode não acontecer. Ao contrário, a evolução tecnológica pode acabar com o *ētiō*, com a *Coſciēcia iēi* e com isso, acabar de vez com a possibilidade de liberdade. O princípio de desempenho parece conseguir “solucionar” os conflitos do indivíduo infeliz, transformando uma *Coſciēcia iēi* em *Coſciēcia ēi*, no sentido de que é reificada, pois facilita a aceitação dos males desta sociedade, ao contrário da Consciência infeliz, negativa, que mantém a lembrança de uma sociedade não repressiva. Para Marcuse, libertar-se deste princípio de realidade é necessário e possível.

O autor reflete que, a arte, anterior à época de sua reprodutibilidade técnica, era sublimação, portanto, guardava as imagens da libertação, guardava as imagens da Grande Recusa. Mas nas sociedades tecnológicas, a arte se torna dessublimação, já que não necessita mais, aparentemente, sublimar os impulsos sexuais, porque, aparentemente, a sexualidade hoje é “liberalizada”. Existe maior liberdade sexual, porém ela está focada na genitalidade, o que causa uma falsa sensação de liberdade erótica, pois, concentrada no prazer genital, o resto do corpo é deserotizado, deixando-o “li re” para o trabalho. A possibilidade de exposição do corpo no mundo do trabalho e nas relações sociais cotidianas intensifica a energia sexual, no entanto, reduz a energia erótica, porque reduz o princípio de prazer à genitália, dessexualizando o corpo como um todo. A libido é administrada e as consciências domesticadas. O relaxamento moral da sexualidade serve, de fato, ao princípio de desempenho, pois fazendo parecer que não há necessidade de sublimação dos impulsos sexuais, enfraquece o protesto e aprisiona o sujeito na ordem existente, perpetuando a repressão. Nesse contexto a arte age como dessublimação repressiva.

O autor defende a necessidade de uma sublimação não repressiva, que é incompatível com as instituições do princípio de desempenho. Se os impulsos ficam livres nos sujeitos, eles reconhecem a repressão e passam a contestá-la. Para que isso não aconteça, existe um projeto histórico de dominação e exploração estabelecido por uma racionalidade científica, que nada mais é que uma racionalidade política, que transforma o supérfluo em essencial e transforma mercadorias em objetos da libido. Criam-se necessidades, que não são de fato, necessidades, mas mantêm os sujeitos “amortecidos” intelectualmente e com isso aplacam-se também as expressões de protesto. A separação de Eros e Logos, de razão e sensibilidade que se estabelece com a racionalidade tecnológica, para o autor, é uma deturpação da ideia de razão, pois, na medida em que não visa o esclarecimento, não permite

aos seres humanos o uso completo de suas possibilidades. Como apresento em meu segundo capítulo.

O autor apresenta em suas obras o parado o entre a “situação”, uma ideia afirmativa de arte, onde ela a “ferramenta” para a manutenção do *status quo* e a “possibilidade”, em que a ideia subversiva e utópica de arte se apresenta como protagonista para uma mudança de paradigma na sociedade. No entanto, ele enfatiza que a arte deve permanecer alienada da realidade se quiser ser arte, é preciso que ela permaneça sempre a certa distância do real. Penso que, como Marcuse, a arte precisa ser “falsa” para não ser incorporada pela ideologia do princípio de desempenho. Parece-me que o autor tenta acreditar numa outra forma de organização social, no entanto, lembra sempre de como a sociedade institucionalizada consegue conter as forças que podem romper com esta realidade e levar a outra forma de organização social. Para ele, a arte como a forma de poder revolucionar a experiência, toma dimensão política, mesmo não sendo ela política, de fato, justamente por não ser política, já que se mantém distante do real; é que a forma artística conserva a capacidade de fazer ver nos seres humanos a possibilidade de outra realidade social.

Na realidade do princípio de desempenho não só a sensação de liberdade é falsa, como a sensação de felicidade também. Pois, para Marcuse, só se é feliz quando se é livre. Em Freud, a felicidade foi trocada. O homem trocou uma parcela de felicidade pela segurança da vida comunitária, mas, para Marcuse, essa troca, se foi necessária, não é mais, porque o desenvolvimento da ciência e da tecnologia permite que os seres humanos não mais lutem pela sobrevivência no mundo “natural”, nem se dediquem a trabalhos que se caracterizam pela exploração de si mesmos. O homem não precisa mais lutar pela sobrevivência com outros animais, nem se dedicar a trabalhos pesados, pois hoje há máquinas que podem fazer isso. Os sujeitos já deveriam poder se dedicar a trabalhos que dessem prazer, mas isso ainda não acontece. De fato, se aprende desde que nasce que todo prazer é somente passageiro, gerando resignação perante algo que se acredita que não pode ser mudado. O tempo acaba por tornar-se o maior aliado do princípio de desempenho, porque ele traz consigo o esquecimento e, ao esquecer perdoa-se, tornando o tempo um aliado do estado estabelecido. Dessa forma, nos diz Marcuse, que é preciso rememorar, pois rememoração é desalienação e a arte é rememoração. Ela pode expressar os anseios mais profundos dos seres humanos, pode fazer ver um universo que não seria mais mediado pelo mercado, um universo que

seria livre das falsas satisfações repressivas, um universo de mulheres e homens libertos.

A arte é a rememoração da beleza, no sentido de que a beleza da forma artística é a rememoração da beleza universal – numa clara referência a Platão. Destarte, quando mulheres e homens se põem em contato com a visão da beleza, ela proporciona um vislumbre de felicidade, fazendo-os perceber da necessidade de libertação. Ainda que, a arte possa ser usada para pacificar o sentimento de revolta – pois produz catarse – a rememoração da beleza, “acorda” os, por assim dizer, pois a beleza pertence aos domínios de Eros e Eros, por sua vez, torna possível outra realidade, uma realidade que reunifica razão e sensibilidade, uma realidade efetivamente erótica. Nessa realidade a sensação do amor não será manipulada pelo interesse social predominante, que estabeleceu relações amorosas egoístas e superficiais, mas sim poderá ser sentido de forma plena. O mundo mediado por uma dimensão estética se caracterizará pela equivalência de forças entre as dimensões sensíveis e racionais dos seres humanos. Desta maneira, o que se revela na obra de Marcuse é que a beleza e a arte (já que a beleza se faz mostrar pela arte), não é somente uma promessa de felicidade, mas sim, uma promessa de liberdade. O que faz do autor, ainda, uma referência importante para se pensar a humanidade.

REFERÊNCIAS:

Obras de Marcuse:

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização. Uma Interpretação Filosófica do pensamento de Freud** □ Trad. Álvaro Cabral. 8ª Ed. São Paulo: Guanabara, s/d.

_____. **A dimensão Estética.** Trad. Maria Elisabete Costa. Lisboa: Edições 70, 1999.

_____. **Razão e Revolução.** Trad. Marília Barroso. Rio de Janeiro: paz e terra, 1988.

_____. **A Ideologia da Sociedade Industrial. O homem unidimensional.** Trad. Giasone Rebuá. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Versuch über die Befreiung.** Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1969.

_____. **An Essay on Liberation.** Boston, Massachusetts: Beacon Press, 1969.

_____. Filosofia e teoria crítica. In: **Cultura e Sociedade. Vol. 1** □ Trad. Wolfgang Leo Maar, Isabel Maria Loureiro, Robespierre de Oliveira. São Paulo: Paz e terra, 2006.

□□□□□□□□□□□□□□□□ Sobre o Caráter afirmativo da Cultura. In: **Cultura e Sociedade. Vol. 1.** Trad. Wolfgang Leo Maar, Isabel Maria Loureiro, Robespierre de Oliveira. São Paulo: Paz e terra, 2006.

_____. Comentários para uma redefinição de cultura. In: **Cultura e Sociedade. Vol. 2** □ Trad. Wolfgang Leo Maar, Isabel Maria Loureiro, Robespierre de Oliveira. São Paulo: Paz e terra, 2010.

_____. A arte na sociedade unidimensional. In: LIMA, Luiz Costa (org). **Teoria da cultura de massa**. 2ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1978.

Outras referências:

ADORNO & HORKHEIMER. **Dialética do esclarecimento**. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

CAMPOS. Maria Teresa Cardoso de. **Marcuse. Realidade e utopia**. São Paulo: Annablume, 2004.

FREITAG, Barbara. **A teoria crítica. Ontem e hoje**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FREUD, Sigmund. O Mal-estar na civilização. **Volume XXI (1927-1931). O Futuro de uma Ilusão, o Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos** □ Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. O Futuro de uma Ilusão. **Volume XXI (1927-1931). O Futuro de uma Ilusão, o Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos** □ Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. O interesse da psicanálise do ponto de vista da ciência estética □ In: **Volume XIII (1913-1914) Totem e Tabu e outros trabalhos**. Trad. Órizon Carneiro Muniz. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1996.

_____. **Além do princípio do prazer. Pequena coleção das obras de Freud** □ Trad. Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____. **Volume XIII (1913-1914). Totem e Tabu e outros trabalhos.** Trad. Órizon Carneiro Muniz. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. A teoria da libido. **Volume XVIII (1920-1922). Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos.** Trad. Christiano Monteiro Oiticica. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Volume XIX (1923-1925). O ego e o id, uma neurose demoníaca do século XVII e outro trabalhos.** Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HEGEL, G. W. F. **Curso de estética. O belo na Arte.** Trad. Orlando Vitorino. São Paulo: Martins fontes, 1996.

HUISMAN, Denis. **A estética.** Lisboa: Edições 70, 2000.

JAY, Martin. **A Imaginação Dialética. História da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais (1923- 1950)** Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

KANGUSSU, Imaculada. **Sobre Eros.** Belo Horizonte: Scriptum, 2007.

_____. **Leis da Liberdade. A relação entre estética e política na obra de Herbert Marcuse.** São Paulo: Loyola, 2008

KANT, Immanuel. **Crítica da Faculdade do juízo.** Trad. Valerio Rohden e António Marques. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2010.

LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. **Vocabulário da psicanálise.** Trad. Pedro Tamen. 10ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

MACLNTYRE, Alasdair. **As idéias de Marcuse**. Trad. Jamir Martins. São Paulo: Cutrix, 1970.

PLATÃO. **Fedro**. Trad. Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2003.

_____. **O banquete**. Trad. Albertino Pinheiro. São Paulo: Atena, 1957.

SCHILLER, Friedrich. **A educação estética do homem. Numa série de cartas**. Trad. Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1990.

TERRA, Ricardo. Herbert Marcuse, os limites do paradigma da revolução: ciência, técnica e movimentos sociais. In: NOBRE, Marcos (Org). **Curso Livre de teoria crítica** □Campinas: Papirus, 2008.